

## DA RELIGIAM.

- August.** Augustinho no liuro de vera religione,  
**Anton.** & S. Anthonino na sua terceyra parte theologal, onde diz q̄ se deriua de religãdo, porq̄ o religioso além do commũ liame dos preceptos he tambem atado com o vinculo dos votos. Verdade he que S.
- August.** Augustinho no decimo liuro da Cidade de Deos diz que religiã se deriua de religêdo, que quer dizer tornar a escolher, porque auemos de buscar aquelle, que pelo peccado perdemos. A quem segue S.
- Thomas.** Thomas na Secunda secundæ, o qual como era sanctissimo & doctissimo teue por costume arrimar se sempre a S. Augustinho lume da igreja, assi nas letras como nas obras. Desta deriuacão se infere que a religiã excita & moue a tirar o amor das criaturas, que nos empede o do criador, & polo no mesmo criador tomãdo por aluo, onde vão parar as setas de nossas obras, palauras, & pensamentos. De maneyra que a religiã ordena o homẽ a Deos, nam assi como em objecto, mas  
como



como em fim, & por isso se não chama ella virtude Theologal, mas moral, porque as virtudes theologaes tem a Deos por objecto, & as moraes por fim. Outros dizem que religião se diz deste verbo relinquer, que quer dizer deyxar, & q̃ aquella cousa se chama religiosa, q̃ por sua santidade he separada das cousas profanas. Donde os latinos antigos vierã chamar lugar religioso aquelle, que por sua difficultade he remoto & apartado da conuersação dos homês. E á verdade parece isto ser verdade, porque o religioso ha se de apartar & esconder do mundo, & como Moyfes, pòr pelo rostro hũ veo de Exo. 34. clausura & recolhimento, & não se confiar tanto de si, que cuyde que está seguro de si no mundo, antes lhe ha de fugir, & ter se por tão imperfeyto, que cuyde, q̃ qualquer cõuersação do mudo lhe pode ê algũa maneira empecer, & q̃ qualquer torua ção lha pode dar. Por q̃ esta he hũa grãde p̃feyção conhecer sua imperfeiçã.



## DA RELIGIAM.

## CAPITVLO III.

¶ Do recolhimento, & da verdade,  
& da fugida de si mesmo.



QVI falou o peregrino, dizendo: Todas estas derivações de religião me parecem muyto bem, mas a meu geyto essa derradeyra me satisfaz sobre todas, porq̃ o recolhimento & apartamento parece cousa natural ao religioso, & quam bem lhe elle parece, tão mal lhe está o distrahimento. Triste daquelle, disse o religioso, que estando na ordẽ não pode viuer e clausura, & no ençarramento do mosteyro, & vindo a religião pa se apartar do mudo, não pode soffrer viuer apartado d'elle, & auẽdo de deyxar suas cousas anda em busca dellas, buscãdo maneyras pa andar fora do mosteyro, & estando nelle com o corpo está cõ a vôtade no mudo, empregrando seu amor em cousa tão sem elle. Mal imitação estes a S. Jeronymo, q̃ dizia, q̃ a pouoaçã  
 lhe

Hierony.



lhe parecia carcere, & o solitario aparta-  
 méto parayso. Mõge quer dizer solitario  
 & apartado da secular cõuerfãção. A isto  
 alludia S. Jeronymo, quãdo escreuêdo a Hierony.  
 Heliodoro dizia: Se es monge, q̃ fazes na  
 cidade? Sctõ Anthão dizia, q̃ assicomo a Antho.  
 substãcia humida dá nutrimêto aos pey-  
 xes, assi a vida solitaria dá ornãmêto aos  
 religiosos, & q̃ assicomo os peyxes sayndo  
 em terra se corrompem, assi a gloria dos  
 monges chegãdo às cidades se perde. Isto  
 me lembra q̃ li em Cassiodoro na sua hi- Cassiodo.  
 storia tripartita. Antiocho autor Grego Antiocho.  
 antiguo diz, q̃ assicomo as abelhas juntas Compa-  
 & encerradas na colmea fazem seus do- raçao.  
 ces fauos, & nam andando fora della ef-  
 palhadas, assi os religiosos dentro em seu  
 mosteyro, & não apartados pelas cidades  
 pduzẽ o doce fructo da religiã. Por quẽte  
 que estẽ no inuerno hũa estufa, se lhe a-  
 brirem as portas ao ar, logo se esfriará.  
 Quero dizer, q̃ por feruẽte no amor de  
 Deos q̃ seja o religioso em seu principio,



## DA RELIGIAM.

se elle abrir as portas da vontade aos v̄-  
 tos do mundo, & seus negocios, & tem-  
 pestades, de tal maneyra se esfriará, que  
 nem goste da lição, nem da oração, nem  
 da contemplação, nem dos outros exer-  
 cicios do mosteyro, senã dos negocios do  
 mudo, q̄ he bẽ triste gosto, & bem differẽ-  
 te dos que tem os que se dão ao repouso  
 solitario. As imagẽs grãdes quanto mays  
 ao perto as vedes, tanto menos perfeytas  
 parecem, querem se vistas ao longe, porq̄  
 então parecem mays naturaes, tão viuas  
 no parecer como mortas nos menceos.  
 Da mesma maneyra os religiosos não se  
 hão de deyxar ver & conuersar ao perto,  
 mas longe do mundo, apartados da secu-  
 lar cõuersaçã se hão de deyxar ver & co-  
 nhecer, mays per fama de religiã, q̄ per  
 familiaridade do mundo. Isto sentia bem  
 sam Paulo primeyro ermitã, S. Anthã, S.  
 Hilariã, S. Ieronymo, S. Basilio, S. Ber-  
 nardo, & os outros sanctos gloriosos, que  
 tomarã vida solitaria & recolhida, pro-  
 tun



fundos na humildade, altos na contem-  
plação, lembrados de Deos, esquecidos  
do mundo, frios no amor da terra, abra-  
çados no amor do ceo, mortos á carne, vi-  
uos ao espirito: os quaes fizeram tão aspera  
& espantosa penitência, que os membros  
desemparrados da força do corpo se suste-  
tauão no esforço do espirito, & quando  
de fracos não podião catar, & lançar a voz  
& oração, ao alto Deos, soaua aquelle  
musico instrumento, aquella arpa sono-  
ra & suauissima de seu coração, q̄ ainda  
que senão ouça dos mortaes, soa altamē-  
te ante Deos. É pera que tomemos a cou-  
sa mays de lōge, dizeyme Elias, & Eliseu,  
& os filhos dos Prophetas, & S. Ioão Ba-  
ptista, & outros diuinos varões, que se fo-  
rão aos ermos, que fazião senão ensinar-  
nos, quanto nos conuem o apartamēto:  
Si, disse o peregrino, mas todauia esses  
mesmos tornauão a pouoado. E sam Ioão  
veo do deserto a Ierusalem a pregar na  
corte del Rey Herodes, Isso, disse o reli-  
gio



DA RELIGIAM.

gioso, he verdade, porque quando a charidade o requiere, licito he aos religiosos pregar nas cidades, & nos paços dos principes. Nã digo eu que não sayão nũca os religiosos de casa, mas que não sayão a negocios desnecessarios. Porq̃ se elles sam necessarios & importantes, & que redũdão em seruiço de Deos, então deuem cõ deuida obediencia sayr a fazelos, & nem por isso perdem sua religiãõ. Porq̃ assi como o sol ainda q̃ mude os signos, & corra todo o zodiaco, não por isso deyxã de resplandecer, & allumiar aos mortaes, assi o bom religioso mudando diuersos lugares, & correndo muytas partes, em todas mostra sua virtude, & resplãdece cõ sua religiãõ. Assi o fez S. Ioão Baptista, q̃ mudãdo os lugares não mudou a vida, & tão sancto era em Ierusalem no paço de Herodes, como fora no deserto de Palestina. Foy muyto, disse o peregrino, falar S. Ioão tão solto a el Rey Herodes, & dizerlhe a verdade tão liuremente. A verdade, disse

Compara-  
ção.



o religioso, he tão liure & isenta nos ho-  
 mēs de bõ espirito, q̃ onde se lhe apresen-  
 tão mores temores, ahi tem mór oufadia,  
 & onde lhe fazem mays força, ahi mays se  
 esforça. Verdade he q̃ hahi verdades, que  
 senão hão de dizer: & hay outras, q̃ caso  
 que he bem que se digão, querẽ se ellas co-  
 zidas, porq̃ hũa verdade crua não ha esta-  
 mago de ema q̃ a esmoa. Hũa galinha he  
 bõa igoria, mas quer se assada ou cozida,  
 porq̃ crua não ha quem a digista, nẽ que  
 a possa comer: Assi a verdade he igoaria  
 marauilhosa, mas quer se cozida & tem-  
 perada pera cõfortar o estamago d'alma  
 & não escãdalizar. Bẽ que hahi peccados  
 tão crus, que he necessario que a verda-  
 de se diga crua, & que o pregador a di-  
 ga sem receo, como fez sam Ioão, de que  
 falamos, com Herodes, pelo qual elle  
 o matou. Este foy o bispado que el Rey  
 deu a seu pregador, matalo porque lhe  
 falou verdade. He cousa marauilhosa  
 hũa dona tam bella como a verdade

Compa-  
 raçãõ.

Matth. 14.

Marc. 6.



DA RELIGIAM.

parir hũ filho tão feo como o odio. Mas  
 soldemos o fio á pratica que cortastes cõ  
 vossa pergunta. São Ioão ainda que pre-  
 gou no paço, todavia criou se no deserto.  
 Aquella foy a academia & eschola, onde  
 aprendeo. O deserto he como arrebalde  
 do ceo, onde Deos leua os seus muyto  
 amados, pera lhe fazer grandes merces.  
 Falando elle pelo Propheta Osea na al-  
 ma deuota diz: Leualaey a lugares solita-  
 rios, & alli lhe falarei ao coraçã. Estes esco-  
 lherão os sanctos pera nos ensinarem o  
 proueyto, que traz comfigo o apartamẽ-  
 to, em especial ao religioso, q̃ ha de dey-  
 xar o mundo com seus contentamẽtos.  
 Vindo os filhos de Israël do Egypto, diz  
 a sagrada escriptura, que sayrão todos de  
 Ramasses, que era hũa cidade de ladrilho  
 quasi nos termos do Egypto. Bem pode-  
 ra a escriptura contar esta sayda do Egy-  
 pto sem fazer menção de Ramasses, mas  
 dizer que pera caminharem pelo deser-  
 to pera a terra de promissã, auião de  
 deyxar

Ora

Exod. 12.



deyxar totalmente a esta cidade de terra, não carece de mysterio. Ramaffes, como diz S. Ieronymo no tratado das mansões dos filhos de Israël, quer dizer trouão de cõtétamêto. Que he isto? Que nos querê nistø as diuinas letras significar? Senão q os religiosos, que deyxão Egypto, que he o mundo, hão tambem de deyxar seus contentamêtos, & hão de caminhar pera a verdadeyra terra de promissam, que he a gloria, pelo deserto, & vida solitaria, & recolhimento da religião? E poys buscão contentamentos do ceo, hão de deixar os da terra, porque os do ceo sam tão lōgos, que ja nunca se hão de de acabar, & os do mundo tão breues, que os compara aqui a escriptura a toruão, que logo passa. Em dizer que esta cidade do Egypto era de terra & de taysa, & não de pedra & cal, nota abaixeza, vileza, & incerteza do cõtentamento do mundo, & em dizer que se chamaua toruão de contentamêto significa sua inconstancia & pouca dura.



## DA RELIGIAM.

Poyeste cōtentamēto do mūdo tão incerto & tão breue ha o religioso de deyxar, & morrer a elle enterrandose na religiã, viuēdo nella sepultado ao mūdo. Isto he o q̄ dizia S. Paulo na ij. aos Corinthios, Sejamos como mortos, sendo nos viuos. E aos Colossenses: Mortos sois, & vossa vida escōdida he cō Ch̄o em Deos. Estãdo hū homē pera morrer faz seu testamēto, & testamēteyros, & appropinquandose a morte perde o calor natural, & o v̄so dos sentidos, de maneira que nē ve, nē ouue, nem fala até que morre, que perde totalmente o mouimēto, de maneyra q̄ pera ser mouido ha de ser per outrē & não per si. Então o emborilhão & amortalhão, & finalmente o sepultão. Desta mesma maneyra se ha de auer o que v̄e tomar o habito á religiã: primeyramente ha de fazer seu testamento, encomendando sua alma a Deos, & o corpo aos trabalhos, & repartindo suas riquezas sem appropriar nada pera si, fazendo testamenteyrosa  
seus

2. Corin. 6.

Coloff. 3.



seus prelados, entregando sua vontade á delles mesmos. E logo ha de perder o calor natural, quero dizer, o amor do mundo, & nem ha de ver, nem ouuir, né falar coufa, que lhe empida o amor de Deos. E tanto que fizer profissam ha de ficar morto ao mundo, & ja senão ha de mouer per sua vontade, senão pela de seu prelado, & ha de ser amortalhado nũ habito, & finalmete escõdido no mosteyro como em sua propria sepultura. E viuendo desta maneyra he morto & viuo, & viuendo em si não ha coufa tão longe delle como elle. Isto, disse o peregrino, folgaria eu de entēder. Porq̃ como he possiuel, que viuendo hũ homẽ em si viua lōge de si? Eu volo direy, respondeo o religioso. Em mĩ ha dous eus. E isto ha em todos os homẽs, hũ segundo a carne, outro segundo o espirito. Ao primeyro chama S. Paulo Coloss. 3) o homẽ velho, ao outro homẽ nouo. Roma. 6) O homẽ velho trazemos de Adã, & do vètre de nossa mãy saymos com peccado, q̃ he a  
for



## DA RELIGIAM.

forte que nos cabe, por sermos da linha-  
 gem dos primeyros padres transgressores  
 do diuino perceyto. E no homẽ nouo so-  
 mos renouados per Christo, do qual te-  
 mos a graça, por sermos regerados & re-  
 midos com seu precioso sangue. Porque  
 assicomo senão fomos gerados de Adã,  
 nam nasceramos injustos, assi se nam fo-  
 ramos regerados per Christo, nam fo-  
 ramos justificados. E este homem ve-  
 lho, que he segundo a carne, auemos de  
 despir, & despidir, & desterrar de nos, &  
 ficar no nouo, que he segundo o espirito,  
 pera que assi deyxemos de ser quẽ fomos,  
 & viuendo em nos segundo o espirito, vi-  
 uamos longe daquelle nos, que he segun-  
 do a carne, & possamos dizer cõ o diuino  
 Paulo: Viuo eu, ja não eu, mas viue Chri-  
 sto em mĩ. Aquelle mesmo homẽ inflama-  
 mado no amor do alto Deos viuia longe  
 daquelle si mesmo, que em outro tem-  
 po perseguia os Christãos. Embebeo  
 tanto no amor de Christo, q̃ se crucificou

Galat. 2.

Galat. 6.



ao mundo, & o mudo a elle, & abraçado naquellas bem afortunadas chamas da diuina charidade, como aue Fenix morreo ao mudo, & ficou gerado outro Paulo per Christo. Morreo em vida, ajuntou a lenha de seus pensamentos, & accendeose hū fogo como aquelle, de que dizia o Propheta: Em minha meditação arde- Psal. 38.  
rá o fogo. Alli naquelle fogo se esteue debatendo com asas da confiração de quẽ fora, & quam cego andara no tempo em que elle affeyçoado a seu erro corria tras elle a redea solta p̄seguinto os Christãos. E desta cõsideraçã nascia outra das merces, que de Christo tinha recebido, que o fazia esquecerse de si, & o soruia nas lêbranças do mesmo Christo. E abraçado em hū diuino amor & ardente desejo queymou as p̄nas velhas dos peccados, & desfez o q̄ fora, & na cinza do desprezo de si se gerou aquelle bicho de humildade, ao qual nascerão grandes p̄nas de charidade & amorosos desejos, & de todas



DA RELIGIAM.

2. Cor. 12.

Chrysoft.

das as virtudes. E aleuantouse em contem-  
 plaçam, & foy arrebatado marauilhosamente,  
 & veo a voar tão alto, que chegou  
 ao terceiro ceo, & ouiuo segredos, que co-  
 mo elle diz, não he licito ao homẽ perpa-  
 lauras explicalos. Finalmente morreo a  
 Fenix velhada p̄seguidor dos Christãos,  
 & leuantouse & refurgio outra aue Fenix  
 vnica, nomeada em todo o mundo. Por  
 que aue Fenix he hũa só no mũdo, segun-  
 do dizẽ. De perseguidor aleuantouse hũa  
 Apostolo, & vaso escolhido, vnico na cõ-  
 uersam, vnico no amor, vnico nos traba-  
 lhos, vnico, no sofrimẽto, vnico na sabe-  
 doria & doutrina, vnica Fenix na alta cõ-  
 templaçam, vnico espelho de pecadores  
 p̄seguidores de Ch̃o, em q̃ resplandece a  
 diuina misericordia. Finalmẽte ficou tal,  
 que diz Chrysoftomo, que o seu coraçam  
 era mays alto que os ceos, mays largo q̃  
 todo o vniuerso, mays resplandecente q̃  
 o sol mays feruente que o fogo, mays fir-  
 me que o diamante. Vedes logo aqui co-  
 mo



mo não repunha viuermos em nos sem  
nos. Antes he necessario lançar de nos a  
carne, & viuer segundo o espirito. Isto he  
o que dizem as diuinas letras no Eccle- Eccles. 18.  
siastico. Nam vas tras tuas concupiscen-  
cias, & apartate da tua vontade de E sam  
Paulo aos Romanos: Vesti uos do Se- Roma. 13.  
nhor I E S V Christo, & o cuydado da  
carne não o façays em vossos desejos. E  
aos Ephesios: Deyxay uos segūdo a vossa Ephes. 4.  
velha & antigua conuersaçam, ponde a  
hum cabo o homem, que se corrompe se-  
gundo os desejos errados, & sede renoua-  
dos no espirito da vossa mēte, & vesti o no-  
uo homem, que segundo Deos he criado  
em justiça, & sanctidade da verdade. E  
finalmente isto he o que nos ensinou a-  
quelle celestial mestre Chão nosso Deos,  
dizendo: Quem me quiser seguir, negue Matth. 16.  
a si mesmo, & tome sua Cruz, & siga-  
me. Trescoufas diz aqui Christo, aos que Luc. 9.  
quiserem yr tras elle. A primeyra que  
seham de negar a si mesmos: A segunda  
que



DA RELIGIAM.

que hão de tomar cada hũ sua Cruz, a ter-  
 ceyra que deyxandose a si hão de seguir  
 a elle. Diz S. Ieronymo que aquelle ne-  
 ga a si mesmo, que deyx a o homẽ velho  
 com suas obras, & pode dizer cõ verdade  
 Viuo eu, ja não eu, mas viue Chõ em mĩ.  
 Então nos negamos a nos mesmos, quã-  
 do batendo o mundo á porta de nosso co-  
 raçã têtando nos cõ suas falsas esperanças,  
 & o diabo cõ seus enganõs, & a carne com  
 suas pestiferas deleytações, nos negamos,  
 dizêdo q̃ nã somos os q̃ el les buscã, que ja  
 alli nã viue quẽ elles cuydão. Isto he o q̃  
 quis significar S. Ieronymo nos commẽ-  
 tarios sobre a Epistola ad Titum, quan-  
 do disse que tãtas vezes nos negauamos,  
 quantaspisauamos com os pès os vicios  
 antiquos, deyxando de ser o que fomos,  
 & começando a ser quem deuiamos de  
 ser: Não he outra cousa negarse hũ homẽ  
 a si, senão sopear & abater o corpo, trazer  
 arrecadado o pensamẽto, resistir a todo  
 o mau appetite, morrer á carne & guiar  
 se



e pelo norte do espirito, & finalmente desterrar de si a si, pera que viua Christo nelle. Isto estava figurado no testamêto velho sombra & figurado nouo, onde está escripto, que teue Abraham dous filhos, hũ chamado Ismaël filho de Agar cria da sua, outro chamado Isaac de Sara sua propria molher. O filho da serua nasceo segũdo o humano costume, & o da liure segundo a diuina repromissã. A hũ chama S. Paulo segundo a carne, ao outro segũdo o espirito. E dizem as diuinas letras no Genesis que vendo Sara que o filho de Agar brincava com seu filho Isaac, disse a Abrahã, que o lançasse fora de casa. O q̃ Abraham tomou duramente. Mas disse lhe Deos que fizesse o que lhe dizia Sara, E não curando elle de se por ás chaças cõ Deos, lançou fora de casa seu filho Ismaël, que andou desterrado em risco de se perder. Per Ismaël se entẽde a carne, p̃ Isaac a alma: Sara q̃ na lingoagẽ hebreã quer dizer Princeza, he a razão, que esta he a q̃

L todos

Genes. 16.

Genes. 21.

Galat. 4.



DA RERLIGIAM.

ha de dominar, & a q̄ todos os sentidos  
 hão de obedecer. Em os sentidos ouuin-  
 do a cãpaynha da razão hão logo de acu-  
 dir promptos a todo o seruiço. Agastarse  
 Sara de ver Ismaël brincar cõ Isaac he nã  
 sofrer a razão, que a carne faça mimos &  
 afagosa alma, representãdolhe lisongey-  
 ras esperanças, falsos contentamētos, &  
 docesenganos. Mandar Deos a Abrahã  
 que desterre & lãce fora a Ismaël, & que  
 obedeça a Sara, he dizernos q̄ lancemos  
 & apartemos de nos nossa carne, & que  
 viuamos segũdo o espirito, & obedeça-  
 mos á razão. Donde veo a dizer S. Paulo  
 escreuẽdo aos Romanos: Os que sam em  
 a carne, não podem contentar a Deos. E  
 logo mays abayxo: Se viuerdes segundo  
 a carne, morrereis. Donde se colhe clara-  
 mēte q̄ nos vay a vida em viuermos sem  
 nos, & q̄ viuendo em nos não viuemos,  
 porque a tal vida da carne he morte d'al-  
 ma. E dos que desta maneyra viu iam di-  
 zia Christo nosso redemptor. Deyxay os  
 mortos

Roma. 8.

Matth. 8.



mortos enterrar seus mortos. E a morte dos taes procede da carne, q̄ tanto persegue a alma, que a mata pelo consentimẽto do peccado mortal. Esta he a causa, por que diz S. Paulo na Epistola aos Galatas, Galat. 4. que Ismael perseguiu a Isaac. Isso, disse o peregrino, folgaria eu padre que me declarasseys. Seno Genesis, onde se conta a historia, não diz que Ismael perseguiu a Isaac, senam que zombaua, ou brincoua com elle, como vos agora dizieys, como diz sam Paulo que o perseguiu?

Que cousa he esta, a brincos chama o Apostolo perseguições? Si, respondeo o religioso, Nam ha mór perseguição no mudo q̄ a que a carne faz a alma. Aquelles mimos & afagos, cõ que a carne a mimma & grangea a alma, pera que consinta no peccado, aquellas enganofas deleytações, que lhe representa, aquellas teas, q̄ lhe anda vrdindo de falsas esperança, aquelles fios de vãos pensamẽtos tão longos, & tão afinha cortados, & dados ante



## DA RELIGIAM.

tempo aos agudos fios da morte, aquellas promessas tam brandas & tam falsas das prosperidades do mundo, que sam se não teribeys perseguyções Esta he a causa, porque dizendo o liuro do Genesis q̄ Ismael afagaua a Isaac, diz S. Paulo que o perseguia. Porque á verdade aquella se pode chamar verdadeyra perseguiçam, que cuberta com apparecias de alegrias temporaes leua a alma a tormétos eternos, apagando o juyzo pera nam ver seus males, & accendendo o appetite, pera nam pagar os direytos á razam.

### CAPITULO III.

¶ Dos dous sentidos da sagrada escriptura, & da perfeição, que he a fim da religiam.



M extremo folgou o peregrino de ouuir a explanação da figura, por lhe fartar o entendimento, que estaua faminto & deseioso de a enten



entender, & pondo os olhos no religioso, disse: Satisfiz-me tanto a exposição dessa figura, & descubrio ella tam claramente o proueyto da fugida de si mesmo, q̄ me moueo a desejar de achar caminho pera fugir de mim. Crede que hũa das cousas, que mays deleytam o espirito he tratar cousas da sagrada escriptura. Quando começastes a cõtar a historia, pareciam me as palauras conchas de ostras, mas como as começastes a abrir, vias dentro cheas de perolas mays preciosas q̄ as nossas orientaes. A sagrada escriptura, disse o religioso, além do sentido literal tem outro spiritual. Refere Eusebio na historia escho- Eusebio. lastica, q̄ diziam os antiquos, q̄ era a escriptura hũ animal, cuja letra era o corpo, & o espirito a alma. Diz Origenes que assi Origenes. como andando Christo na terra, muytos viam sua humanidade, mas poucos conheciã sua diuindade, assi estando antre nos a diuina escriptura, muytos lhe vem a letra, mas poucos o espirito. Diz Theo- Theodor.



## DA RELIGIAM.

doreto que assicomo as pedras preciosas,  
 quando as achão, estão per cima cubertas  
 de bayxa & vil materia, aqual os mestres  
 & artificiosos lapidarios lhe tiram, assi a  
 doutrina da sagrada escriptura debayxo  
 de palauras pouco polidas tē ricos & pre-  
 ciosos mysterios. As palauras de cima di-  
 zem q̄ Ismaël he hũ filho de Abrahã, mas  
 hũ dos sentidos alegoricos diz q̄ he a car-  
 ne. Este he o homẽ velho, isto he o q̄ te-  
 mos de Adã. Aquelle mortifero bocado, a  
 que Eua o cõuidou foy principio de nos-  
 sas defauéturas. Dõde os mininos ẽ na-  
 scẽdo nũs como em naufragio faẽ tremẽ-  
 do & chorando, parece que polo peccado  
 de Adã. E na boca, p̄ onde Adam peccou,  
 trazẽ elles o final do peccado, q̄ he o cho-  
 ro, como prenũcio dos trabalhos, que de-  
 poysem todo o discurso de sua vida ham  
 de passar. Porq̄ como diz S. Augustinho,  
 as lagrymas dos mininos sãõ claros sinaes  
 da miseria de nossa vida. Assicomo hũa  
 ribeyra, que nasce no pĩnaculo d'hũa alta  
serra

August.

Compa-  
ração.



ferra perto do mar, (ae logo fazêdo rúgi-  
do, & vê decendo pelos arrecifes batendo  
nas duras rochas, & fazendo hũ rouco tó  
com os quebrados de suas agoas a manei-  
ra de quem vem chorando, até se vir me-  
ter no mar, onde vão parar todos os rios,  
assi nos como nascemos começamos a  
lamentar, & assi vimos todos os dias de  
nossa vida, chorádo & gemendo, & quey-  
xandonos, dando cõ nosco hora nú, hora  
n'outro trabalho, até q̄ em fim imos dar  
cõ nosco no mar da morte, onde os rios  
de nossas vidas assi grandes como peque-  
nos se vão acabar & cõsumir. E acabada a  
vida imos dar conta a aquelle justo juyz.  
& alto Deos, do qual somos segúdo nossas  
obras julgados, & postos no lugar de nos-  
fos merecimentos, hũs no parayso, ou-  
tros no inferno, ontros no purgatorio, a  
fora os mininos que morrem sómente  
com peccado original, questes vão ao lu-  
gar pera elles constituydo. E aquelles  
que nesta vida se apartaram do mado &



DA RELIGIAM.

de si meſmos & tomadas ſuas Cruzes ſe-  
 guiram a Chriſto, recebem por breues  
 trabalhos eternos deſcãſos. E pera ſe iſto  
 melhor poder fazer ſe fizerão as religiões,  
 que ſam como certos atalhos pera a vida  
 eterna, per mão daquelle alto Deos orde-  
 nados, que em nenhũa couſa teue deſor-  
 dem. Qual he, perguntou o peregrino, a  
 fim da religiam? A fim, respondeo o reli-  
 gioso, pera q̃ ella foy ordenada, he a per-  
 feyçam. Aſſi o diz S. Anthonino na ter-  
 ceyra parte, onde vay ſeguindo a doutri-  
 na de S. Thomas. E eſta perfeyção conſi-  
 ſte em alcançar a perfeyta charidade ſe-  
 gundo aquillo do Apoſtolo aos Coloffen-  
 ſes: Sobre todas as couſas tende charida-  
 de, que he o liame da perfeição. Eſta cha-  
 ridade lia & vne com Chriſto: & o que a  
 tem he feyto hũ espirito com elle. Iſto he  
 o que diz S. Paulo: Aquelle que eſtã vni-  
 do com Deos, he hũ espirito com elle. O  
 amor tem virtude vnitiua & transforma-  
 tiua. Sancto Auguſtinho diz q̃ alma mays  
 eſtã

Antho.

Thomas.

Coloff 3.

2. Corin. 6

Auguſt



está onde ama, que onde anima. São Dionysio diz que o amor transforma o amante no amado: & como a charidade he amor, vne & transforma, & faz sobir tam alto o amante, que o leua ao ceo, onde está couersando com os Anjos feyto hũ espirito com Deos. Sam Gregorio vfa, pera explicar isto, desta comparaçã: Agoa que vem d'alto, sobe tanto que chega ao lugar, donde desce, se está vnida na fonte: porq̃ se fizerdes buracos à fonte, derramar-se ha a goa, & nam subirá acima. Assim se nossa alma está vnida cõigo, sobe tãto pera cima, que chega ao ceo, que he a sua patria: mas fazeylhe hũ buraco pera as riquezas, outro pera as honras, outro pera os falsos contentamentos do mundo, derramar-se ha alma, & nam subirá: mas ajuntandose & vnindose sóbe tam alto, q̃ traspassando as nuuẽs se vay ao ceo, ficando quanto a sua essencia ẽ terra. Isto he o que dizia o Real Propheta: La estauão os nossos pés nas tuas moradas ó celestial

Dionysio

Comparaçã

Psal. 122



## DA RELIGIAM:

Ierusalẽ. Os pès d'alma sãam as affeyçõ es  
 cõ as quaes ella anda como o corpo cõ  
 os pès, sem se mouer per si localmẽte. Isto  
 he o que dizia S. Paulo aos Philippẽses: *A*  
*Philipp. 3.* nossa conuersaçãõ he nos ceos. Isto dizia  
 elle, porque os justos estãõ liados cõ Deos  
 per amor & charidade. E como a perfei-  
 çãõ da criatura seja estar vnida cõ o cria-  
 dor, & esta vniãõ seja effecto da perfeira  
 charidade segue se que quem alcãçar esta  
 charidade, alcãçarã a perfeiçãõ. Mas esta  
 perfeiçãõ, que se alcãça nesta vida, he de  
 duas maneiras, hũa menor, outra mayor:  
 A menor he quãdo o homẽ exclude & nã  
 admite cousa cõtrayra á charidade, q̃ he  
 o peccado mortal: a mayor he quãdo o ho-  
 mẽ se aplica todo a darse a Deos, & nam  
 sòmẽte nãõ comete peccado mortal, mas  
 deyxã as cousas humanas polas diuinas,  
 & se entrega a Deos em holocausto &  
 perpetuo sacrificio. E a esta mayor per-  
 feiçãõ he ordenada a religiam como a  
 fim. E esta he a que deuem buscar, &  
traba



trabalhar por alcançar os religiosos, poy  
 pera isso forão as religiões constituydas.  
 Porque Deos inspirou aos sanctos que fi-  
 zessem regras, & estatutos, & clausuras,  
 onde os religiosos separados dos incõue-  
 nientes do mudo guardassem a vida Euã-  
 gelica gastando o tempo nos lououres de  
 Deos, rezando & cãtando os diuinos of-  
 ficios, supprimindo & sopeando os appe-  
 tites com vigalias, abstinências, lições, me-  
 ditações, disciplinas, & outros spirituaes  
 & corporaes trabalhos & exercicios & o-  
 bras de misericordia, empregãdo nisto o  
 cabedal de suas obrigações. E daqui vem  
 que os religiosos, como diz S. Bernardo, Bernard.  
 caẽ mays raramẽte, & aleuãtan semays li-  
 geyramente, andam mays cautos, viuem  
 mays quietos, sam de Deos mays fauore-  
 cidos, morrem com mays confiança, &  
sam remunerados com mayor gloria. Os  
 leygos virtuosos dam a Deos a fructa da  
 sua aruore, mas os boõs religiosos não só-  
 mẽte lhe dão o fructo, mas toda a aruore,  
 por



## DA RELIGIAM.

porque pelos votos que fazê, se dam to-  
 dos a si mesmos a elle. E esta he a causa,  
 como diz S. Anselmo, porq̃ he mays me-  
 ritoria a bõa obra do que he obrigado p  
 voto, que daquelle que he sem a tal obri-  
 gaçam: porque o hũ dá a Deos a fructa  
 ficando lhe a aruore, o outro a fructa &  
 aruore. E desta maneyra fazê os religio-  
 sos sua vontade em a nam fazerê, some-  
 tendose ao prelado, & offerecendose a  
 Deos em holocausto quero dizer, em to-  
 tal sacrificio. E assicomo o holocausto era  
 todo queymado, assi o verdadeyro reli-  
 gioso ha de ser abraçado naquella viua  
 chama do diuino amor, que cõsume toda  
 a terreal bayxeza, de maneyra q̃ separa  
 do do corpo, alienado de si mesmo, esté  
 mays em Deos que em si, pera que como  
 verdadeyro amante seja no amado em-  
 bebido & trãformado. Assicomo o espe-  
 lho d'aço posto aos respládecetes rayos  
 do sol, nam sómente fica resplandecente  
 mas ainda lança de si os mesmos rayos  
seme

Anselmo.

Compa-  
 ção.



semelhante ao sol, & transformado nelle, assi o verdadeyro religioso estando amando & contemplando a Deos, está recebendo os rayos do diuino resplendor, & allumiada sua alma está allumiando, & lançando de si estes rayos, transformada na mesma imagẽ d'hũa claridade grãdenoutramayor. E assi estando amando & contemplando a Deos se está fazendo diuina, tranferindose no modo & imitação da diuina natureza. Assi interpreta Theophilacto depois de Chrysofotomo a quelle lugar de S. Paulo na secunda aos Corinthios. Nostodos descuberta a face especulando a gloria do Senhor na mesma imagem somos transformados de claridade em claridade. Este modo de vida he o a que communmente chamamos religião, que consiste em datse a Deos & apartarse do mundo, & de si mesmo. Dõde parece bõa a sentença dos que dizem que se deriua religião de relinquendo, q̃ quer dizer deyxar ou apartar. E de tal maney

Theophi

2. Corin.



maneira hão os religioso de deyxar o mudo, & apartarse d'elle, & fugirlhe, q̄ nem d'elle nem de suas cousas queyrão algũa. Conta a sagrada escriptura, que vendose o bom Iacob muytas vezes enganado de Labam, & que quanto mays o seruia, tãto pior o trataua, pagandolhe com ingratidão & injurias obras mercedoras de galardão, lhe fogio pera a terra de promissam, trazendo cõsigo todo seu fato & fazeda. Tanto que o Labam disto foy sabedor, foy apos elle, & o alcançou no môte Galaad, onde lhe reuolueo seu fato sem achar cousa nenhũa sua. E alli fizerão hũ cõtrato q̄ nẽ Iacob queria nada de Labã, nẽ Labam de Iacob. E poserão nome a quelle monte Galaad, q̄ quer dizer monte de testimonho. Diz S. Ieronymo, aquẽ segue Pagnino, q̄ Labam quer dizer brãcura. E Philo Hebreo diz que quer dizer cõr. Como quer que seja, elle não quer dizer cousa solida, & firme, & substancial, mas a cõr da cousa. Quẽ he este Labam,

este

Hierony-  
pagnino.  
philo.



este enganador, traydor, ingrato, que tantas vezes enganou a Jacob? Quem he este mau, que não tem do bem senão a cor, q̄ não té coufa firme, & maciça senão sombras & apparencias? Quem he este senão o mundo? Poys vemos seus enganos & seus males, & que não cura nossos grãdes descontentamentos senão com algũs descontos de breues alegrias, & estas cõuertidas em tão desesperadas tristezas, que a esperança que nos falta pera sermos alegres, nos sobeja pera sempre sermos tristes, não o siruamos, né lhe obedecemos, mas tomemos todo o nosso fato, todos nossos pensamentos, entrouxemos tudo no carro da memoria, & fuamos do mundo, não tenhamos com elle compromisso algũ, vamosos sem nos despedir del-le, fuamosohe caminho da terra de promissam, que he a vida eterna, fuamos de Laban, deste enganador & perseguidor dos boõs, & subamos ao monte Galaad. Mas? que monte he este, onde sacolheo

obom



DA RELIGIAM.

o bom Jacob, onde auemos com elle de  
 subir, senão à religião monte alto de vir-  
 tudes? Mas os que aqui estiuerẽ, não cuy-  
 dem q̃ estão seguros, porq̃ aqui os ha de  
 vir buscar Labam, aqui ha de vir dar com  
 elle tentandoos & perseguindoos, a hũs  
 com representações de cõtentamentos,  
 a outros de honras, a outros doutras cou-  
 sas. Ao coraçam do religioso por humil-  
 de & virtuoso que seja, quando vagão os  
 officios & prelazias, lhe tocam algũa ho-  
 ra á arma os pensamẽtos vãos, mas com-  
 pre acudir logo com a razam, & despre-  
 zar tudo, & fugir de taes pensamentos co-  
 mo de cousas de Labam, pera que quan-  
 do nos quiser saltar, & dar com nosco  
 estãdo nos em Galaad, nam conheça em  
 nossas cousas nenhũa sua. Bẽ auenturado  
 he aquelle, em cuja consciencia nam ha  
 cousa do mundo, em cuja casa, em cujo  
 coraçam nam acha Labã alfaya sua. Que  
 cousa he religião senão hũ môte Galaad,  
 hũ monte de testemunho, hũ monte que

testifi



testifica que nem Labã quer nada de Iacob, nem Iacob de Labã: quero dizer que nem o religioso quer nada do mundo, nem o mundo do religioso. O glorioso monte, ó marauilhofo cõuto, onde se faz o contrato & concerto, que nem Iacob quer ter cõta com o mundo, nem o mundo com elle, onde o religioso professa & testimunha que deyxã nam sõmente o mundo, mas a si, & que caminha pera a terra de promissã, pera o ceo, pera o bãquete dos anjos, pera a soberana Ierusalem, pera aquellas gloriosas & bemauenturadas moradas que ja nunca terãõ fim. Os que andãõ no mudo andãõ no corro em perigo, mas o religioso estã sobre o firme palãque, como homẽ que da terra estã vendo a tempestade & naufragio do mar. Verdade he q̃ se acertãõ de quebrar as cordas do palanque, cae o que estãua nelle acolhido: assi se os votos se quebrãtem, dá o triste do monge de sauenturada queda. Mas em fim a religiãõ he o firme

Compara-  
ção.

M palan



DA RELIGIAM.

palanque & o alto mōte Galaad. Verdade he que per mays que hū homem deyxer a cōuersaçāo do mūdo, & fuja a todo correr de Labā, não subirá ao cume do mōte Galaad, senão arder em fogo: quero dizer, que não alcançará a perfeição da religião, senão tiuer a perfeyta charidade. Fingirão os antigos escriptores hūa serpente chamada hydra de muytas cabeças, de tal natureza que cortandolhe hūa lhe nascião por ella muytas, & que nam auia outro remedio pera lhas tirar de todo senão que ymalas, porque o fogo lhas não deixauā crescer. E fingirão q̄ o famoso Hercules cō fogo a matara, pela qual causa elle mereceo perpetua memoria. Isto he o q̄ elles escreuerão: não pera nos cremos que isto realmente assi passara, senão pera q̄ nestas fições metessem sua doutrina embuçada em fabulas poëticas. O glorioso Basilio, a quem os antigos cō muyta razão chamaram Magno pola grandeza de sua alta sabedoria, singular

Basilio,

clo



eloquência, & grãde sanctidade, interpreta  
 & moraliza altamente esta fição: Diz elle  
 que as cabeças da terribel serpente sam  
 os appetites & tentações, & que o fogo he  
 o amor diuino, sem o qual, cortadas as ca-  
 beças tornão logo a crescer, porque ficão  
 de bayxo as rayzes, & donde ás vezes cui-  
 damos que atalhamos a hũ appetite ou  
 tentação, caymos em outras muitas. Pelo  
 qual he necessario que ymalas de todo cõ  
 o diuino fogo, pera que assi tiremos a vi-  
 da a esta braua serpente da sensualidade,  
 imiga de nossa alma. De maneyra que os  
 religiosos ham de ser abraçados nas glo-  
 riosas chamas do alto amor de Deos.  
 Isto quis elle significar, quando manda-  
 ua no Leuitico, que fossem, que yma- Leuit.  
 dos no fogo os animaes, que lhe eram  
 offerecidos em sacrificio. E os que estam  
 inflammados nesta perfeyta charidade,  
 alcançam o cume de Galaad, quero di-  
 zer a perfeçam da religiam. E este mo-  
 do escolhi eu de vida, pera alcançar a



## DA RELIGIAM.

verdadeyra vida, porme parecer que se a-  
talha peraqui mays, & que he este hum  
caminho direyto pera os bees eternos, &  
nelle viuo muyto contente. E prouuera a  
Deos que tal fora minha vida, qual he a  
doutrina, q̄ eu recebi na religião, na qual  
sempre vi muyta virtude, vinte annos ha  
que nella viuo: ainda que não sey se diga  
que viuo, porque a vida dos que não dam  
verdadeyro fim a seus males, nem verda-  
deiro principio a seus bees, parece que se  
deue chamar morte, que os taes muytas  
vezes deyxam primeyro a vida, que co-  
mecem de viuer.

### CAPITULO V.

Da obediencia, & victoria de si mesmo,  
& verdadeyra nobreza.



TENDO o religioso acabado  
seu razoamento, cuydando  
que não auia hi mais que di-  
zer, disse o peregrino. Hū in-  
coueniēte acho eu nas ordēs, & he q̄ auē-  
do nellas homēs de bõa casta & nobre  
sangue



fangue,acertão de ter por p̄lados homēs bayxos, & ás vezes não dos mays virtuosos. É parece que os homēs de lustro & de tomo merecerám pouco com o desgosto de serem mandados de quem merecia ser mandado delles. La na religiam nam me determino no que vay, mas cá crede padre que sentem os homēs altos serem gouernados dos bayxos, & quanto mays olham pera o alto de seu merecimento, tanto mays sentem o bayxo de sua desualia. Alto pensamento & bayxa venturam dous materiaes, que quando se ajuntam, fazem hũa beberagem, que estraga & apostema de tal maneyra a natureza, que muytas vezes senão arrebentasse pelos olhos, arrebentaria o coração. Isto se escusaria se os principes & capitães fizessem toque dos homēs, & quantos quilates cada hũ tiuesse de merecimento, tantos lhe dessem de galardão. Mas quando eu vejo maos fauorecidos & boos desestimados, & os que estão ouro & fio na culpa



## DA RELIGIAM.

desfigoaes na pena, & q̃ a coufa se gouerna  
 nã per razão mas per affeyção, perco mil  
 vezes o sofrimento. E como os religiosos  
 d'alta estofa, caso que sejam spirituaes, to-  
 dauia sam humanos, parece q̃ terão pou-  
 co merecimento com o desgosto de serui-  
 rem, quem, se estiueraõ no mūdo, se pre-  
 zara de os seruir. Antes esse, disse o reli-  
 gioso, he muyto mōr merecimento. Que  
 coufa pode ser mays gloriosa, q̃ catiuar  
 hū homẽ sua propria vontade por amor  
 do Christo, fazēdose subdito de quẽ fol-  
 gara n'outro tempo de ser seu criado, &  
 atar seu proprio querer de pés & mãos: E  
 affi como Abrahã fez a seu proprio filho  
 Isaac, polo ño altar da obediencia, pera  
 fazer delle a Deos perpetuo sacrificio.  
 Esta he a mays excellēte victoria, a mays  
 alta presa, o mays illustre triumpho, & o  
 mays glorioso tropheo, que se pode ima-  
 ginar, vencer hū homẽ a si mesmo, & ca-  
 tiuar se pa ser liure, porq̃ seruir a Ch̃õ nã  
 he seruir senã reynar. Isto he o q̃ diz Sala-  
mã

Genes. 22.



mã nos Prouerbios. O varã obediẽte cõ- Prouer. 21.  
 tarã a victoria. E como diz S. Augustinho  
 o homẽ nã se somete ao homẽ, por amor August.  
 do homẽ senã por amor de Deos, & como  
 o amor de Deos seja alto, & vêça todas as  
 cousas, fica o bõ subdito alto & vencedor  
 obedecendo a hũ bayxo & vencido, poys  
 obedece a elle por obedecer a Deos. E he 1. Reg. 15.  
Eccle. 4.  
 tão acceyta a Deos esta obediencia, q̃ diz  
 elle que a quer antes que sacrificios. Diz  
 S. Gregorio que nã sem causa he preferi- Gregor.  
 da a obediencia ao sacrificio, poys no sa-  
 crificio se offerencia a Deos a carne alhea,  
 & na obediencia sua vontade propria.  
 Se Christo verdadeyro Deos obedeceo,  
 porque nam obedeceremos nos? Delle Philip. 2  
 diz sam Paulo aos Philippenses: Hamil-  
 douse a si mesmo feyto obediente até a  
 morte morte de Cruz. Palavras sam estas  
 pera nos mouerem, & fazerem meter  
 toda nossa presumpçam de bayxo dos  
 pés. Mas sam os homẽs tam opiniati-  
 cos & altiuos, que nam tem a lembrança



## DA RELIGIAM.

destas cousas pera com elles tãta força, q̃  
 a faça a sua fantesia, que elles dizem que  
 os força. Obediencia, como a define Pe-  
 raldo, he hũ voluntario & racional facti-  
 ficio da propria vôtade. São Paulo escre-  
 uendo aos Hebreos diz assi: Obedecey a  
 vossos prelados, & someteiuos a elles. São  
 Gregorio diz que a obediência não sómê-  
 te he virtude, mas madre das virtudes. E  
 nos moraes diz, que a obediencia he a q̃  
 enxerta n' alma os garfos das outras virtu-  
 des. E esta he a causa, porque os grandes re-  
 ligosos querẽ antes morrer que desobe-  
 decer, & trazem sempre ante os olhos a  
 obediencia de Christo nosso Salvador, do  
 qual diz S. Paulo aos Hebreos. Sendo el-  
 le filho de Deos aprendeo a obediencia  
 das cousas, que padeceo. Isto he do Apo-  
 stolo. A desobediencia de Adam lançou  
 o homem do parayso, & a obediencia de  
 Chão o meteo nelle. Em S. João diz Chri-  
 sto: Desci do ceo, não pera q̃ faça minha  
 vontade, mas a daquelle que me enuiuou.

E em

Peraldo.

Hebr. 13.

Gregor.

Hebr. 5.

Ioan. 6.



E em S. Matheus: Não afficomo eu que- Matth. 26.  
 ro, mas afficomo vos quereys. Diz S. Ber- Bernardo.  
 nardo que a razão, porq̃ Christo morreo  
 com a cabeça inclinada, foy pera mostrar  
 a obediencia, com que acceytaua a mor-  
 te, que lhe dauão. porque antes quis per-  
 der a vida, que hũ ponto da obediencia.  
 E assi o religioso ha de estar aparelhado  
 pera por em perigo a vida, antes q̃ come-  
 ter hũ crime de desobediência. Olhemos  
 logo pera nossa cabeça, ponhamos os o-  
 lhos em Christo, contemplemos seus tor-  
 mentos, & o sangue das suas chagas, & a-  
 prêdamos a obedecer até morrermos por  
 quem morreo por nos. Aleuantemos ao  
 monte Caluario os nossos olhos, & ver-  
 lheemos os seus quebrados, & os seus ca-  
 los, arrancandos, & a cabeça esburacada  
 dos duros espinhos, & o seu belo rosto pi-  
 fado & denigrado, & as suas mãos & pés  
 atraueçados de duros pregos, & o peyto  
 ferido da cruel lança, & elle lauado em  
 sangue, feito nũa chaga, morto & espeda-  
 çado



DA RELIGIAM.

gado na Cruz, naquella gloriosa escada de Jacob, que com hũa ponta estaua na terra, & com a outra tocava no ceo, & o abria & manifestaua. Alli estaua estendida aquella diuina arpa de Dauid. Alli estaua o bom Iesu feyto sacrificio por nos-  
 sos peccados: alli acabou seu trabalho, & começou nosso descanso: alli a sua vida temporal fez fim, pera a dar aquem nola daua, quero dizer, que morreo na Cruz pera com sua morte, matar á morte que nos mataua. Olhemos logo pera a Cruz, & nella veremos a obediência no mays alto cume de sua perfeição: & aprendamos a obedecer por amor de Christo, que obedeceo ao padre até padecer morte, por nos dar vida. Couisa he muyto pera espantar, & como diz S. Ambrosio, muyto pa  
 estranhar, q̃ obedecendo as outras criaturas, só o homẽ nã queyra obedecer, nẽ reconhecer superioridade. Tres sam as hierarchias dos Anjos, suprema, meã, & infima: & cada hũa tẽ tres ordeões. Donde se  
 colhe

Ambros.



colhe q̄ antre elles ha hũa superioridade. Os ceos no seu mouimẽto obedecem ao primo mobili. Antre os elemẽtos hahi superioridade: o mais bayxo he a terra borta de todos elles, logo agoa, depoyso o ar. Per cima do qual estã o fogo mays alto & eminẽte, sem se nũca gastar, por estar cõseruado no seu pprio lugar, q̄ he o cõcauo do ceo da lũa. Os animaes tẽ por Rey ao lião, & as aues a aguea. Os alifantes seguem a hũa, os groues a hũa, as abelhas a hũa. Os carneyros & ouelhas obedecem ao pastor, & as vacas ao vaqueiro. Cada cousa obedece a seu superior. Somẽte o homẽ nã quer obedecer. Os brutos animaes seguem os q̄ os goardão, vãõ p onde sam guiados, pãscẽ onde os metẽ, & finalmẽte tem sua obediencia: & o homẽ racional a nã quer ter, sendo lhe mays necessaria: elle só he o q̄ sempre quer dominar, & nũca obedecer. Mas os verdadeyros religiosos gloriãse de ser bẽ obediẽtes, & nã se afrõntã de obedecer a outros mais baixos, nẽ tẽ  
por



DA RELIGIAM.

por isso nenhũ descontẽtamento. Quã-  
 to mais que pola mayor parte sam prela-  
 dos os mays virtuosos, ou que sam mays  
 pera o serem. E ainda que algũs se jão de  
 obscura geração, todavia sam venerados  
 & acatados & obedecidos, não se olhãdo  
 pera o bayxo metal de que sam, mas pera  
 o que representão. Conta Herodoto no  
 segundoliuro de sua historia, que vindo  
 hũ homẽ plebeo chamado Amasis a ser  
 Rey do Egipto, começou a ser desprezado  
 & tido em pouço por ser de bayxa gera-  
 ção. E vendo elle isto, como era prudente,  
 mandou fazer hũa estatua à hũ ídolo,  
 a q̃ todo o Egipto adoraua, & tinha em  
 summa veneração. E esta estatua mādou  
 elle fazer d'hũa bacia, em que elle & seus  
 hospedes foyão lauar ospés: & depois mādou  
 chamar o pouo: & falãdolhe na esta-  
 tua que elles adorauã, disselle a materia,  
 de que ella era feyta: & que poys a elles  
 adorauão não atentando á bacia donde  
 ella fora feyta, senão por ser imagem de  
 seu

Herodoto

Amasis.



seu Deos, que assi não tiuessem conta cõ  
 a bayxa geração, dõde elle procedia, mas  
 que contrassem a imagem, que represen-  
 taua. Teue tanta força esta comparação,  
 que a placou os Egypticianos; que se co-  
 meçauão contr' elle alcuantar. E não só-  
 mente o pouo meu do, mas ainda os q̃ an-  
 tre a geralidade tinhão mays credito &  
 respeyto, lhe obedeceram. Da mesma  
 maneyra os religiosos não tem olho pera  
 a bacia, que noutro tẽpo seruia de lauarẽ  
 os pés nella, senão pera o em q̃ se tornou.  
 Quero dizer q̃ não hão d'attẽtar pera a  
 bayxeza da geração do prelado, senão pa-  
 o officio & dignidade, que tem. E ainda q̃  
 hũ homẽ não seja nobre p̃ geração, basta  
 se lo per virtude: porq̃ ella he sabão, com q̃  
 se tira a noda da bayxa casta. Da terra Compa-  
ração.  
 nasce o ouro, mas nẽ por isso he tido em  
 pouco. A verdadeira nobreza consiste na  
 virtude. Diz S. Ieronymo que aquelle he Hicrony.  
 principal p̃ com Deos, que val não per  
 nobreza de sangue, nẽ per dignidade do  
 mundo



DA RELIGIAM.

Hierony.

Compa-  
ração.

mundo, mas per deuação da fé & sancta vida. E escreuêdo a Celácia diz, q̃ a summa nobreza a cerca de Deos he ser claro em virtudes. E está isto claro, porque que aproueyta se lo em sangue quẽ he obscuro na vida? A moeda val na terra, onde se faz: entrays n'outra terra, não a querẽ. Se dizeys que he de grande valia, respondẽ que isso he na terra do senhorio, em q̃ se bateo, mas que nas outras não corre. O q̃ me acontece cada dia nesta Italia, q̃ em cada cidade ha sua moeda diuersa, & a d'hũa não val na outra. Assi a nobreza he de muyto preço, mas naquelle que a fez, que bateo a moeda, pondo nella o escudo de suas armas & gloriosos feytos, obrãdo de maneyra q̃ se fez nobre, auenturando a vida por alcançar a fama, estimando a virtude ẽ muyto, & os interesses da vida em pouco, perpetuando seu nome com miraculosas façanhas asperas de cometer & incertas d'acabar. Neste tal, que he hũa cidade de virtude firme & in expu  
n: aucl



nhauel, val a moeda de sua nobreza, mas  
 nos outros não val. Que aproueyta a hū  
 homē dizer q̄ procede de fonte clara de  
 virtudes, se he elle hū peçonhēto charco  
 de vicios? Caso q̄ a fonte seja excellēte &  
 perēnal, se agoa se encharca, & enche de  
 limos, & sapos, porque terá o charco cujo  
 a gloria da fonte limpa? O primeyro fi-  
 lho de Iacob se chamou Ruben, & o ter-  
 ceyro Leui. E como Ruben era o primo-  
 genito, presumião os desta tribu de mór  
 nobreza & fidalguia q̄ os da tribu de Le-  
 ui. Donde veo pretenderē Datão & Abi-  
 rão a prelazia & summo sacerdocio, por  
 se terē por mais nobres, & serē da geração  
 de Rubē. Mas Deos deu a prelazia a Arō Num. 17.  
 da tribu de Leui, porque a sua vara flore-  
 ceo milagrosamente, & deu frol & folhas  
 & fructo diante do tabernaculo. De ma-  
 neyra que as prelazias da ordem nam  
 se ham de dar por via de fidalguia, mas  
 de virtude, nam aquelles cuja vida he  
 seca de merecimentos, mas aquelles que  
 a têm



## DA RELIGIAM.

a têm florida de doutrina & exemplo de  
 boas obras. E porq̃ isto se pode fazer sem  
 a nobreza de sangue, está claro q̃ a tal no-  
 breza não he da essencia do prelado, nê os  
 religiosos, q̃ a tē, se desprezão de obedecer  
 aos q̃ a não tē: antes ella he mōr gloria sua  
 & mōr merecimēto. Verdade he q̃ a no-  
 breza da geração faz muyto ao caso nos  
 prelados, & ornaos muyto, & resplande-  
 ce em grande maneyra. E assicomo o bō  
 pomareyro não busca pa enxertar senão  
 garfos de bōa casta, assi os eleytores deuiã  
 de eleger homens de nobre geração, & ter  
 muyto respeito a isso, porq̃ elles pela mōr  
 parte são como fino ouro, q̃ recebe em si  
 o esmalte das virtudes melhor q̃ o ferru-  
 gento cobre & bayxo latão. E p̃ experiē-  
 cia vemos que pola mōr parte são mayz  
 excellētes, & melhor inclinados, & de mais  
 primor os prelados de bōa casta q̃ os bai-  
 xos & plebeyos. E cō isto me parece q̃ te-  
 nho respōdido a vossō incōueniēte & ob-  
 jeyção, & declarado q̃ cousa he religiã, &  
 donde

Compa-  
 raçam



donde se derua, & qual he a fim pera que foy instituyda & ordenada, que sam as tres coufas, que vos perguntastes, & que desejaueys saber. Mas deyxado isto, poys vos dey nouas de mim, folgaria de as saber de vos, pera saber com quem falo. E atreuome a soltar estas palauras forjadas no amor, que vos tenho, polo que parece que tendes á virtude, porque o descontentamento, q̄ tenho de vos não conhecer, he tão sobejo, que me faz selo, em vos perguntar quẽ sois. Quẽ sou, respondeo o peregrino, seria grande detença pera mĩ, que he longo de contar, & grande dor pa vos, q̄ he coufa triste de ouuir. Mas com tudo eu vos darey em poucas palauras conta d'algũas coufas minhas, q̄ de todas serã impossiuel, porq̄ como poderey eu dar cõta de males tão sem cõto? Agora quando aqui dey cõ voſco me vi nha eu lamentando & queyxando de mĩ ante estes surdos aruoredos tão occupado & transportado nisto, que nem tinha

Nacor



DA RELIGIAM.

acordo pera lograr o contétamêto desta  
 floresta, nê sentido pera arreccar os que  
 me podiã ouuir. Cuydey em mĩ, & soltey  
 os olhos ao choro desfazendo em lagry-  
 mas o estrago de minha vida q̃ não tenho  
 de virtude senão pesarme de a não ter.  
 Acheyme nas ilhas Baleares, onde diz Ve-  
 gecio q̃ se inuentou a funda, em Mayor-  
 ca, quando agora á tres annos os Turcos  
 a entrarão, & ahi me catiuarão com ou-  
 tros muytos, tratandonos tão sem dó, q̃  
 não auia quem de nos o não ouuesse se  
 não elles. E quis Deos q̃ eu fosse catiuo,  
 pera ficar liure, porque andaua eu catiuo  
 do mundo, dependurado de suas falsas  
 esperanças, perafufando cõ o pensamê-  
 to m̃ vaydades, & tão fora de mĩ, q̃ que-  
 ria bem a meu mal. E depouys q̃ me vi ca-  
 tiuo, torney sobre mim, & como o filho  
 prodigo & desperdiçado, de q̃ fala o Euá-  
 gelho, determiney tornarme a casa do  
 misericordioso pay, que he Deos. E vi que  
 aquelle catiueyro me fora dado per elle  
 pera

Vegecio.

Luc. 15.



pera me tirar daquella terra, & atalhar os  
 passos de meus desordenados desejos. E  
 assi estando catiuo abri os olhos do entẽ-  
 dimento, & com a luz, que me Deos deu,  
 vi as treuas, em que andara, & a merce,  
 que me Deos fizera. Cuydey os dias an-  
 tiguos, em que eu dissipay os beês, que  
 Deos me tinha dado, que eu entreguey  
 a meu descuydo, pera que elle os tratasse,  
 como quem elle & eu eramos. Consenti  
 cegar meus olhos, & deyxey atras a con-  
 sciencia, por ir adiante como o appetite.  
 Mas depouys de tornado sobre mim, cho-  
 rey minhas culpas, bati ás portas da diui-  
 na clemencia, foy & socorrime ao porto  
 da diuina misericordia, & achey consola-  
 ção, & senti em minha alma grãdes mer-  
 ces de Deos. Entã me lembrou aquillo, q̃  
 conta Plutarcho de Themistocles o Gre-  
 go, que vendo se lançado de sua terra,  
 acollado de tribulações, foy ter a Per-  
 sia, onde sendo acolhido, fauorecido, &  
 honrado del Rey, muyto mays do que

Plutarcho  
 Themis-  
 tocles.



## DA RELIGIAM.

o nunca fora em Grecia, disse aos companheyros, que com elle foram: Por certo irmãos perdidos fomos, se nos não perderamos. Agora pola misericordia de Deos saí de catiueyro, & vou fazer hũa romaria. Sã Maria, disse o religioso, ahi vos achastes nesse desbarate da Mayorca? Ahi me achey, respondeo o peregrino, ou por melhor dizer, ahi me perdi: mas permitio Deos que me perdesse, pera que me ganhasse. Agora faço esta romaria, não tato por me Deos tirar do catiueyro dos Turcos, como por me liurar do catiueyro dos peccados. Que ainda que agora faço muytos, todauia verme liure daquelles, he pera mim grande contentamento. Certo, disse o religioso, não vos posso declarar per palauras o contentamento, que tenho com as vossas, em me dizerdes que fazeys romaria por vos Deos ter tirado do catiueyro dos peccados. Porque agora neste tempo fazem os homẽs romarias vêdose fora do catiuey-



ro dos mouros, mas vendose bem confessados fora do catiueyro do demonio nam fazem nada, auendo entam de fazer muyto mays. Essa, disse o peregrino he a verdade. Mas afficomo oshomês de poys de muyto velhos vem a tresualiar, assi o mundo parece que de velhice vem a não ter tino em seus desatinos. Praza a Deos que me faça tanta merce, que ainda me eu veja nesse habito, deyxado o mundo totalmente, & goze de vossa sancta amizade na religiam. Folgaria de saber, disse o religioso, de que terra sois de Portugal. Importa, respõdeo o peregrino, nam o dizer. Quanto mays que nam tenho nenhũa terra. Socrates dizem que dizia que o homẽ perfeyto todo o mundo auia de ter por sua terra propria: & eu digo que o auia de ter por alhea: porque a terra nam he nossa terra, mas nosso desterro. E porque o feruor da calma he acabado, ergamonos, & caminhemos, que temos muyto que andar. E iremos ao



DA RELIGIAM.

longo destas sombrias & deleytosas aruores, que como vedes, toda esta Lombardia he quasi hũa floresta de muytas ribeyras & aruoredos. Ergamos, disse o religioso, & caminhemos com o animo pera a celestial cidade de Ierusalem nossa verdadeira patria, que aqui, como diz sam Paulo, nam temos cidade que permaneça, mas buscamos a que ha de ser, que he nos ceos. E de cada terra aleuantemos a ella os olhos saudandoa com piedosas lagrymas, & penetratiuos suspiros, pera que acabada a jornada desta vida per graça, entremos nella, que he a gloria, a qual Deos pela sua misericordia nos quey-  
ra conceder.

Amen.

*Fim do dialogo da religião.*

DIA



# DIALOGO

DA IVSTIÇA: INTERLOCVTIO.

res hũ Doutor Theologo, hum Ma-  
themático, hum Iurista, &  
hum Cidadão.

## CAPITVLO I.

¶ Da perda do tempo, & da defi-  
niçam da justiça.

**A**CHANDOSE HVM  
dia quatro amigos prati-  
cando, hũ delles Doutor  
em theologia, outro Phi-  
losopho Mathematico,  
& hũ estudãte em leys,  
& hũ Cidadão, disse o Theologo, em cuja  
casa elles estauão. Eu sempre tiue pera  
mim, & tenho inda agora, que hũa das  
grandes perdas, que ha no mundo, he a  
do tempo: porq̃ he elle precioso muyto,  
& val a peso d'ouro, & perdido não se po-  
de mays cobrar. E por isso o pintarão os

N iij anti



## DA IVSTIÇA.

antiguos caluo na traseyra parte da cabeça, significando nisto que depouys que se nos passa, não achamos em q̄ lhe pegar pera o determos. Por isso diz S. Paulo na Epistola aos Galatas: Em quanto temos tēpo, gastemolo em boas obras. Faz nos o Apostolo esta lembrança, pera que cõ ella, & cõ a termos de nossas obrigações, não percamos o tempo. E perde se elle, quando se gasta em vicios, & em cousas vaãs, q̄ a ociosidade descobre aos homēs enfadados, que de não terem que fazer andão traçando na fantasia mil castellos de vento, tão esquecidos de si, que na cêdo pera verdadeyro trabalho, não buscã senão falso descanso. Donde vem a não fazerem cousa, com que deyxē de sime-moria. Assim como he necessario fundir no fogo o metal, pa se delle fazer hũa imagem & estatua, que depouys fique & permaneça, assi he necessario fundir nossas vidas no fogo dos trabalhos & boos exercicios, pera dahi sayr hũa imagem de boa fama

Galat. 6.

Compa-  
ração.



fama dirigida à hõra & seruiço de Deos, a qual depois de nossa morte dé testemunho de nossa vida. Euripides diz que o trabalho he pay da bõa fama, & Hermio-  
 nio afirma que do trabalho & experiencia aprendeo a sciencia. Lede o ij. capitulo do Genesis, & achareys estas palauras: Pos o Senhor Deos o homẽ no parayso da deleytação, pera q̃ obrasse, & o goardasse. Diz S. Ioão Chrysofomo na Homilia xiiij. sobre o Genesis declarãdo este lugar, que a razão porque Deos quis, que Adam no parayso terreal obrasse, & não estiuesse ocioso, he porque a ociosidade he mestra de toda a malicia. São Ieronymo em hũa Epistola diz q̃ auemos sempre de trabalhar, pera que o diabo nos não ache ociosos. Sancto Augustinho no primeiro liuro de Ciuitate Dei, tem q̃ foy pior a Roma destruyr Carthago, porque a seguridade, q̃ lhe ficou, pario a ociosidade q̃ foy causa de sua p̃dição. São Bernardo chama á ociosidade sentina & bõba,

N v onde



## DA IVSTIÇA.

Seneca. ¶

onde todos os males se ajuntão, & n'outra parte madrasta das virtudes. E a sentença de Seneca he, q̄ a ociosidade he morte & sepultura do homẽ viuo. Dõde se colhe q̄ os homẽs ociosos sam ãmigos de si mesmos, poys deyxada a diligencia dos boõs trabalhos, q̄ he hũa mina de beẽs, se dão à ociosidade, que he hũ abyfmo de males. E o q̄ pior he, que não cuidão que ganhão o tempo, senão quando o perdem: & elles não ganhão cõ esta perda senão sua perdição. E auẽdo de buscar tempo pera passar cousas, buscão cousas pera passar tempo. E em fim elles não o passam, mas elle passa per elles. Pera que he mays, senão q̄ Heraclides Licio fez hũ liuro dos lououres do trabalho, como o refere Rauifio Textor no segũdo proẽmio da sua Officina. He tão fundado, disse o jurista, esse juyzo, que sem elle serã, quem lhe cõtrariar. E dahi vem, q̄ quasi todos os homẽs de ingenho se queyxão da perda do tempo como de cousa preciosissima. He verdade

Heraclid  
Rauifio.

dade



dade, disse o Theologo, mas deuiãse queixar de si, quando se disse quisessem quey-xar: porq̃ eu vejo os chorar porque perdem o tempo, & calar a culpa, porq̃ o perdem. E pera nos nós aproueitarmos d'elle, & não caymos na culpa dessa perda, ja q̃ aqui estamos jutos, pratiquemos n'algũa coufa de doutrina, & tractemos algũa bõa questãõ. Isso, disse o mathematico, serã muyto bom, porq̃ senão possa dizer por nos o que diz Platão, que os amigos Platão. sam ladrões do tempo. E nã podem elles fazernos mór dãno, q̃ roubarnos o tempo de nossa vida, sendo tão breue & irreparavel. Não sey, disse o jurista, como se pode chamar breue o tempo da vida, poys o tempo de dez annos se chama longo, como tem communmente os nossos doutores, segũdo Bartolo na ley primeyra. ff. Bartolo. de supficiebus. E a vida dura muito mais. Não he inconueniente, respõdeo o mathematico, chamar-se hũa mesma coufa lōga & breue segũdo diuersos respeytos:

hũ



## DA IVSTIÇA.

Aristot. hū mōte podeſe chamar alto em reſpeyto d'outro bayxo, & bayxo em reſpeyto d'outro alto, como affirma Ariſtoteles nos predicamentos: aſſi o tempo de dez annos he longo cotejado cō hū mes, mas

Seneca. em comparação da eternidade diz Seneca eſcreuendo a Lucillo, que he tão breue, que ſe compara a hū ponto, & menos

Plutarcho. inda. E delle parece q̃o tomou Plutarcho no liuro que fez do ensino & criação dos mininos, onde eſcreue a meſma ſentença. Eu, diſſe o cidadão, não ſey nada de diſputas, mas folgarey muyto de as ouuir, principalmente ſe forem da juſtiça & gouernança da republica, pera dahi me ficar algũa couſa, de que me poſſa nalgũ tempo aproueytar. Poys o ſenhor doutor Theologo, diſſe o Mathematico, começou a falar do tempo, ſerá bom diſputarmos ſe o hahi, & que couſa he. Por que o tempo não tem ſenão duas partes, paſſado & futuro, que o inſtante, como dizem os philoſophos, não he tempo,

mas



mas hū ponto, onde se as suas partes ajū-  
tão, ca segūdo sentença de todos os Ma-  
thematicos o instāte se ha com o tempo,  
da maneyra que se ha o ponto com a li-  
nha, porque tão indiuisiuel he hū como o  
outro, & poyso ponto não he linha, logo  
nem o instante he tempo. Assi que poyso  
o tempo não tem mays que duas partes,  
passado & futuro, & o passado ja se aca-  
bou, & o vindouro está por vir, parece q̄  
o não hahi, poyso das quantidades somen-  
teaquellas se dizem ter existencia, cujas  
partes tē ser em sua realidade. Nessa pri-  
meyra questāo, disse o jurista, não tenho  
eu nenhūa duuida, porque pois nos esta-  
mos em tempo, & o temos pera nelle pra-  
ticarmos, claro he q̄ o hahi. Quanto mais  
que vos pera prouardes q̄ não hahi tem-  
po, mostrays q̄ o hahi, poyso dizeys q̄ tem  
elle duas partes juntas a hū ponto & não  
se podem chamar partes, senão em res-  
peyto do todo. E pera os argumentos não  
faltarám repostas: Não me pesaria prati-  
carmos



## DA IVSTIÇA

carmos nesta materia, se cá os senhores  
 nisso consentirem. Consentirám, disse o  
 mathematico, porque a amizade consiste  
 principalmente no consentimento das  
 vontades, como diz Platão, de quem o to-  
 mou Cicero na sua amicicia. E como to-  
 dos sejam amigos, quererão elles o que  
 nos quizermos. Eu, disse o Cidadão, quero  
 o que vos quereys, mas queria que quises-  
 seys vos o que eu quero. He tão longa, dis-  
 se o Theologo, esta materia do tempo, q̃  
 elle nolo não dará pera lhe darmos fim.  
 E os mesmos philosophos parece q̃ a tra-  
 tação a fim, de nunca lha darem. Effoutra  
 materia de justiça he proueitosa, & pare-  
 ce justiça tratarmos della. Poys assi he, dis-  
 se o mathematico pera o Theologo, vos  
 senhor aueis de tomar antre as mãos a ma-  
 teria, trazêdo pera isso não sôm ête pon-  
 tos de theologia, mas tambem sentenças  
 de philosophos & historias antiguas, que  
 sey que fostes dado a lélas: & ainda ago-  
 ra depois que vos achays cansado do gra-

Platão.

Cicero.



ue estudo da sancta theologia, folgays de  
 tomar na mão hū liuro de humanidade.  
 Isto he o que digo, se parecer bem a estes  
 senhores. Eu disse o Cidadão, leuarey nif-  
 so muyto gosto, & folgo de ser essa vossa  
 vontade, porque a minha nam era outra.  
 E eu, disse o jurista, tambem com isso fol-  
 garey. Este carregoy, disse o theologo pera  
 o jurista, era vossio, cuja faculdade he in-  
 terpretar o direyto, & tratar da justiça.  
 Mas farey o que todos me mandays,  
 querendo antes nisto errar obedecendo,  
 que acertar sendo desobediente. E ainda  
 que tomar este cargo seja contra minha  
 vontade, com tudo faço por cumprir cõ  
 a vossa, & com a que tenho de vos servir.  
 Justiça tomase algũas vezes pola virtude  
 em commum. E esta virtude compre-  
 hende em si todas as outras. Dondo  
 diz Gregorio Nazanzeno no seu pri-<sup>Nazanzeno.</sup>  
 meyro liuro da Theologia que a virtu-  
 de he hũa, ainda que se diuida em muy-  
 tas. Isto he o que diz sam Ieronymo Hiero.<sup>37.</sup>  
 escreue



DA IVSTIÇA.

- Hierony.** escreuendo a Demetriade, que todas as  
 especies de virtude se contem no nome  
 de justiça. Desta justiça se entēde aquilo  
 que diz Christo nosso Redptor em S.
- Math. 6.** Matheus. Atentay não façays vossa justi-  
 ça diante dos homēs pera serdes vistos  
 delles. Quernos Deos assegurat nossas  
 mercadorias: & pera isto nos diz que as  
 assellemos com o sello da tenção posta  
 nelle, & não na gloria do mundo, pera q̃  
 as não percamos. E põe logo exemplo da  
 esmola & oração. Dōde se colhe que dar  
 esmolas & orar sam actos de justiça, & al-  
 si todas as outras bõas obras. Toma se tã-  
 bem justiça pola justificação, quando pe-  
 la diuina misericordia hũ homē de impio  
 peccador he feyto justo. E desta maneyra
- Roma. 3.** se entende o que diz S. Paulo aos Roma-  
 nos: Agora sem a ley a justiça de Deos he  
 manifestada. E aos Galatas: Se fora dada  
 ley, q̃ pudera viuificar, verdadeyramēto  
 da ley fora a justiça. Mas o nosso intento  
 he deyxadas estas & outras significações,  
 falar



falar da justiça, em quãto he virtude moral, hũa das quatro, a que commumente chamamos cardeaes. Dessa, disse o jurista tratamos: a qual os nossos jureconsultos dizem que he hũa vontade constante & perpetua de dar seu direyto a cada hum. Desta maneira a define Vlpiano. ff. de Iustitia & iure. E Iustiniano na statuta q̃ eu tenho pera mim que he a nata do direito Ciuil, sem embargo, que cuydão muitos, que não he ella mays que hũa instrução pera elle. Essa definição, disse o theologo, entendida afficomo jaz, não he boa. Como não? Disse o jurista. Eu volo direy, respondeo o theologo. Toda a virtude moral he habito d'alma, ao qual Aristoteles no segúdo das Ethicas chama habito electiuo: & nenhũa potencia he habito d'alma, logo nenhũa potencia he virtude moral. E a vontade he potencia. logo não he virtude moral. E poys nenhũa vôtade he virtude moral, & a justiça he virtude moral, bẽ se cõclue q̃ a justiça não he vôtade.

O Epoy

Vlpiano.

Aristot.



## DA IVSTIÇA

Epois vos confessais que ella he virtude,  
 he necessario q̄ confesseis que nã he vōta  
 de. Se a justiça fosse vontade, como a vō-  
 tade he potencia, a justiça seria potencia,  
 & sendo potencia nam seria habito, & nã  
 sendo habito nam seria vertude. Donde  
 claramēte se infere q̄ sendo vontade não  
 seria vertude. E ella he virtude, logo nam  
 he vontade. Donde fica falso o que dizē  
 os vossos jure consultos q̄ a justiça he vō-  
 tade, se entendē essa definiçam, as si como  
 parece que soa. Antes, disse o jurista, nam  
 seria vertude se nã fosse de vontade. Hũa  
 cousa he, tornou o theologo, ser vontade  
 outra he ser de vōtade. A vertude he de vō-  
 tade, mas não he vōtade. As si como o pec-  
 cado actual ha de ser volūtario, como diz  
 Augustin. santo Augustinho, que doutra maneira  
 não he peccado, as si na vertude, pera ser  
 vertude o entendimento ha de fazer o al-  
 uara, & a vontade o ha de assinar. Parc-  
 ceme amim, disse o mathematico pera  
 o jurista, que tem o senhor doutor a sua  
sobre



sobre o fito. Pois Amim, disse o jurista não  
 me pode quadrar negar assi hũa definiçã  
 dos jureconsultos, admitida de todos os  
 doutores, & que está por ley recebida em  
 todo o mûdo. Nam sey, disse o cidadão,  
 que isto he, que como ouço allegar leys ci  
 uis, parece que lhe tenho hũa maneira de  
 fastio, ou nam sey se lhe chame auorreci  
 mēto, como a couisa de brigas & cõtendas  
 Porque assi como na casa, onde hahi pur  
 gas & couisas de botica, nam ha saude, assi  
 no pouo, onde se alegam muytas leys, nã  
 hahi paz. Antes, disse o jurista, assi como  
 as purgas sam mezinhas pera as enfermi  
 dades, assi as leys sam mezinhas pa euitar  
 contendas & decidir questões. E a sciēcia  
 delas he muy necessaria, como filosofia  
 moral, q̃ ella he muyto excelente. E dado  
 que aja no seu vso algũs abusos, isso nam  
 he vicio das leys, mas de quem vsa mal  
 dellas, que ellas sam boas, & feytas co n  
 grande prudencia & cōsiraçam. E por  
 isto digo eu que esta definiçam, poys

Compa  
 raçam.

O ij h:



DA IVS TIÇA.

he ley, não he bem que se negue, porq̃ te-  
 mos nos hũa ley que diz que a ley não se  
 ha de negar, porque negãdo vosa ley ne-  
 gays a justiça, & negando a justiça negais  
 todos os beês. Em tanto que sendo a ap-  
 pellação hũa cousa natural, cõ tudo não  
 se pode appellar da sentença & pena dada  
 pela ley, como diz o texto na ley Si qua  
 pœna. ff. de verborum significatione: ma-  
 ximamente quando consta da tenção &  
 razão da ley: porque assicomo no homẽ a  
 alma ha de dominar sobre o corpo, assi na  
 ley a razão ha de dominar sobre as pala-  
 uras. Texto he na ley Nõ dubium, C. de  
 legibus. Isto he o que diz Bartolo na ley  
 Cum mulier. ff. Solutio matrimonio, que  
 a razão da ley & a mente della mesma he  
 o mesmo. Epoys nesta definição não sô-  
 mente as palauras sam claras, mas ainda  
 está manifesta sua razão, parece que não  
 ha nenhũa pera a negar. Eu, disse o theo-  
 logo, sou com vosco como Theodoro A-  
 theu com seus oupintes, e he soia a dizer  
 como

Bartolo.

Theodoro



como refere Plutarcho, quando via quã <sup>Plutarcho</sup> pouco se aproueytauão delle, q̃ lhe daua a doutrina & palauras com a mão direyta, & elles que astomauão cõ a ezquerda torcêdolhe a tẽçã. E cõ quãto queria trabalhar com razões po'os trazer á razão estauão elles tãõ fora della, que lha nã podia persuadir. Verdade he que o estar fora da razão senão pode entender em vos, mas ao menos tomays cõ tençãõ ezquerda, o que eu digo com direyta. Eu nã nego a ley, mas interpretoa. Entẽdida bem essa definição nãõ quer dizer que a justiça he vontade, mas que he hũ habito, com que a vontade estã constante & perpetuamẽte determinada de dar o seu acada hũ em seu tempo. E Aristoteles no v. <sup>Aristot.</sup> das Ethicas affirma que a justiça he habito, a quem seguem todos os philosophos. E sancto Augustinho no liuro das oytenta & tres questões diz assi. <sup>August.</sup> Iusticia he hum habito do animo, que dá a cada hũ sua dignidade conseruada a vtilidade commũ,



## DA JUSTIÇA.

cujo principio he nacido da natureza. A quem seguem todos os theologos. E digo que se ha de dar acada hũ o seu em seu tẽpo, porque se tiuerdes ẽ deposito armas offẽsiuas dhũ vosso amigo, & o virdes virfuriolo a pediruolas, pera com ellas satizfazer a sua ira & deprauada indinaçam, nam lhas deveis de dar porq̃ em tal tẽpo he injusto dar o seu acujo he. Esta razam moueo a Socrates a reprender a Simonides, que definido justo dizia, que era dar acada hũ o que lhe era devido sem acrescẽtar mais, como refere Platã no primeiro dialogo da republica. Porque ha hi tẽpo, em que se lhe não ha de dar, & dando-selhe he contra as justas leys, ás quaes he injusto desobedecer. Porque como ẽ outro lugar diz o mesmo Platão: justiça he hum habito que obedece ás justas leys, & dá a cada hum o que merece. Esta he a mays excelente das virtudes moraes, a qual hum dos sabios antiquos, que os gẽtios tinhão antre seus thesouros, pintou a

par

Socrats.

Simonid.

Platão.

Platão



par de Iupiter, significando que nem os  
 mesmos seus deoses podiam bem gouer-  
 nar sem justiça, quanto mays os homens.  
 Estáo enfermo o bom Rey David, sen- <sup>3. Reg. 2</sup>  
 tindo que se hia ja apagando & cõsumin-  
 do o pauio de sua vida, chamou seu filho  
 Salamão, é cuja mão deyxaua o leme do  
 reyno, & encomendoulhe a iustiça, dizê-  
 dolhe que fauorecesse os bõs & castigasse  
 os maos. No liuro da Sapiência o frõti spi <sup>Sapien. 2</sup>  
 cio, & a primeyra coufa, q̄ se offerece aos  
 olhos, he esta sentença. Amay a iustiça  
 os q̄ iulgais a terra. E o Psalmista diz: Sa- <sup>Psalm. 4.</sup>  
 crificay sacrificio de iustiça, & esperay em  
 o Senhor Dãdo a entender q̄ a iustiça he  
 sacrificio, que os principes fazê, quando  
 a fazê. E o Ecclesiastico: Até a morte pe <sup>Ecclesi 4.</sup>  
 leia pola iustiça. E S. Paulo na primeyra <sup>3. Timoth.</sup>  
 a Timotheo: Homẽ de Deos sigue a iusti-  
 ça. Pera que he mais se não que Christo  
 nosso Deos a os cinco capitulos de S. Ma- <sup>Mathe, 5.</sup>  
 teus: diz Bẽ auenturados sam os q̄ ham fo-  
 me & sede da iustiça. E logo mays abaixo



## DA JUSTIÇA.

Bemaventurados são os que padecem por fazerem justiça. São Gregorio nos moraes diz que a justiça he paz do pouo, firmeza da patria, liberdade da gente, temperança do ar, serenidade do mar, fertilidade da terra. São João Chrysoftomo diz que a justiça he rayz da vida. São Isidoro afirma que he a ordem & igoaldade, com que o homẽ se ordena bem em todas as cousas. São Ambrosio declara que ella he a que dá o merecimento conforme ao premio, & a pena a dequada á culpa, & que não estima seu proprio, pueito, mas goarda a igoaldade commũ. Donde veo a dizer sancto Anthonino que a justiça he aquella virtude, que igoala hũa cousa com a outra. Donde vem que quando duas cousas vem igoaes, dizemos que vem justas. E onde ha esta justiça ha hi paz, por que não tem ninguem razão de se agrauar. E isto he o que dizia o Psalmista falando do principe dado per Deos: Nascerà em seus dias justiça & abundancia de paz. E noutro

Psalmo

Gregor.

Chrysoft.

Isidoro.

Ambrosio.

Anthoni.

Psal. 71.



Pſalmo: A justiça & a paz ſe beyjarão. Pſal. 84.  
 Felice a republica governada per justiça, &  
 infelice a governada ſem ella. Ainda que  
 a verdade, como elegantemête proua S.  
 Auguſtinho no liuro xix. de ciuitate Dei, Aug. 1ſt.  
 não ſe pode chamar republica, a em que  
 não ha justiça. A corrupção que tem hũ  
 corpo ſem alma, tem o pouo ſem justiça,  
 porque faltando ella alleuãtaſe a diſſen-  
 ção, & cae per ſi a concordia, falta a libe-  
 ralidade, & cresce a cubiça, viue a treyçã,  
 & he ſepultada a lealdade, enſenhorea-  
 ſe a força, & he abatida a paz, he atreuida  
 a mintira, & anda acouardada a verda-  
 de, anda ſolto o appetite, & jaz preſa em  
 ferros a razão, preualeſcem os maos, ſam  
 opprimidos os boõs, & finalmente en-  
 trão de tropel os vicios, & ſam deſtruidas  
 as virtudes. Porque aſſi como a justiça a  
 he triaga contra a peçonha dos vicios,  
 aſſi a inijuſtiça he cutelo das virtudes.



## DA IUSTIÇA.

## CAPITVLO II.

¶ Dopremio & castigo, & de qual delles se ha o príncipe may s de prezar.



Cabando o theologo estas palautas disse o cidadão as q se seguem. Pois tēdes declarado que cousa he iustiça, & quam necessaria no mundo folgaria q explicasseis o em que príncipalmente consiste. A iustiça, disse o theologo, consiste principalmēte em galardoar bōs, & castigar maos. Esta he toda a armonia da boa governança. Assim como a defestima dos bcōs dá oufadia aos maos, assi o fauor, que se daa aos maos quebra o coração aos bōs. Donde veo a dizer Democrito o philosopho que duas cousas governauam o mundo, premio & pena. Isto quis significar el Rey Ciro, quādo disse que a obediencia das leys consistia, em os que mandam louuarē & honrarem aos obedientes, & castigarem & reprehenderē aos desobediētes. Assim o cōta na

Pedia

Democri.



Pedia Xenofontes, aquelle per cuja voz diz Cicero, que falauã as Musas, & a quẽ Volaterano chama Musa Attica, pola sua auidade de sua eloquẽcia: & profundeza de sua philosophia. Ambas estas duas partes premio & pena ha de ter, quem toma na mão o leme da repubrica, pa dar bõa conta da nao, & chegar com ella a porto de saluação. Porque assi como hũ corpo humano nam pode ser perfeyto sem ter dous braços, assi nem oque gouerna, sem fauorecer bõs, & castigar maos. De qual desses, disse o cidadão, se ha mais de prezear quẽ gouerna? Responderuosey, disse o theologo, cõ aquillo q̃ respondeo o Emperador Tito a hũ seu amigo, q̃ lhe propos essa questãõ. Dizia elle q̃ fazer merces era o braço dereito, & punir culpas o ezquerdo. E assi como mais nos seruimos & prezamos do dereyto, q̃ do ezq̃rdo, assi he cousa mais gliosa fauorecer virtudes, q̃ castigar vicios, porq̃ na primeira resplã dece o amor, na segũda o temor. E he isto  
cõfor-

Xenofon.  
Cicero.  
Volatera;



## DA IVSTIÇA.

August.
 conforme ao que diz S. Augustinho que  
 o que governa ha mays de desejar de ser  
 amado que timido. O principe he a cabe  
Plutarcho.
 ça, & o pouo o corpo, & como diz Plutar  
 cho, o pescoço que ajunto o corpo com  
 a cabeça, he o amor, que vne & lia o po  
Compa-  
raçam.
 uo com o principe. E assicomo nã auêdo  
 pescoço, q̄ ajúte o corpo cõ a cabeça, nẽ  
 o corpo nẽa cabeça terá vida, assi nã auẽ  
 do amor antre o pouo & o principe nẽ  
 d'hũa parte nẽ da outra, será destruyda  
 a repubrica. Muyto boas, disse o cidadão,  
 me parecerã assi a repostado Tito como a  
 comparação de Plutaacho, Foy muito ter  
 o Emperador Vespasiano dous filhos Ti  
 to & Domiciano tão differentes, que do  
 Tito não se contão cousas muyto boas,  
Genes. 25.  
Malach. 1.
 & do Domiciano senão muyto mas. Não  
 he, disse o theologo, pera espantar disso,  
 porq̄ Isaac teue dous filhos Iacob & Esau  
 & diz a escriptura diuina, q̄ amou Deos  
 a Iacob, & teue odio a Esau. Cada dia se  
 acontece d'hũ mesmo pay, procederem  
dous



dous filhos, hū virtuoso, outro deprauado. Cōparo eu isto, disse o cidadão a me-  
 loeyro, no qual d'hūa mesma peuide na-  
 scem dous melões, hū em extremo bom, Compara-  
raçam.  
 outro é extremo mau. Isso he, disse o ma-  
 thematico, como os dous ribeyros de Si-  
 cilia, de que fala Vitruuio no sen viij. li-  
 uro que procedêdo ambos d'hūa mesma  
 fonte, hū he doce, outro salgado. Assi de  
 Vespasiano forão gerados dous filhos,  
 dos quaes o Domiciano nunca disse cou-  
 sa, que bõa fosse, & o Tico disse muytas  
 muyto notaueys, hūa das quaes he essa q̄  
 referis, que certo me quadra muyto. Pois  
 amī, disse o jurista, não me satisfaz, porq̄  
 claro está, que o pouo não se moue tanto  
 pera se tirar dos vicios: & dar ás virtudes,  
 quando ve o principe fazer merces por  
 algū assuado feruiço, como quando o ve  
 castigar grauemente algum teo excessõ.  
 Assi como o temeroso rayo do fogo, q̄ cae Compara-  
raçam.  
 em hūa parte, mata a so hū, mas espanta a  
 muytos, assi hū brauo castigo cae sobre  
 hū,



## DA IVSTIÇA.

hũ,mas faz temer a todos.Não me parece mal, disse o theologo, esta comparação, mas nam cõclue o que quereis. Bem que proua ser necessario o temor,nẽ eu o nego:mas nam se infere dahi,q̃ he mais exel lẽte que o amor,nem q̃ he falso o que nos diziamos,q̃ mais se ha o principe de prezar de fauore ser bens,q̃ de castigar males.

Antes diz Aristoteles nas Ethicas,q̃ o Rey se ha dauercõ os subditos,como o bõ pastor com as ouelhas.E nas Politicas diz,q̃ ha de distribuir as hõrras per si,& os castigos per outros. Eel rey Agefilao diz, como refere Plutarcho q̃ o bom principe ha de ser com os vassallos,como pay com filhos.E eu digo que não como qualquer pay,mas como pay benignissimo & amorosissimo,em tanto que antes pareça q̃ os vassallos se sustentam do amor & fauor de seu principe,que o principe do trabalho & fazenda de seus vassallos.Claro está que se o principe não fauorecesse as vertudes,que aueria poucos que as fizesem,  
ainda

Aristot.

Agefilao.  
Plutarco.



ainda que castigasse vicios. Mais se moue os homens com amor que com temor, & mais se animã a coufas grandes, & se abalifam na excelente virtude com esperança de futuro premio, que com medo do castigo. Nam hahi que debater senam que o amor & benignidade do principe catiua os corações dos homens, & de tal maneyra os moue ao seruirem, que nam desejam de lhe saber avontade, senam pera lha fazerem. E com este amor, que tem a seu Rey, polo q̄ elle lhe tem a elles, se prezam de fer seus, & se excitam & aueturã a coufas grandes & duuidosas. E não somente aos seus, mas ainda aos estranhos os principes catiuam com amor & benignidade. Isto he o que diz Tito Liuius, q̄ ma- Tito Liuius ys augmētou Roma seu imperio cō clemencia, q̄ com vitorias. Donde vieram os antigos Romanos a singularizar se antre as outras nações, & fazer aq̄llas espãtofas estranhezas & feitos e armas, de q̄ estã che as as historias, senão de adarẽ inflãmados

no



## DA IVSTIÇA.

no amor da perpetua memoria, que elles  
 tinhão polo mays excellente de todos os  
 premios Húa estatua, que o Senado pu-  
 nha a hũ capitão, & o fauor que lhe nisto  
 fazia, em querer que húa imagem de pe-  
 dra ficasse em memoria dos notaueys ser-  
 uiços, que tinha feito á republica, excita-  
 ua outros a morrer por ella. E os nossos  
 Portuguezes ainda que principalmente  
 se mouão por amor de Christo, todavia  
 muytos os excita a benignidade de seu  
 rey, & as merces, que lhe faz. Donde vem  
 terem feytas em nossos tempos em Africa  
 & em Asia façanhas tão excellentes &  
 pasmosas, que as Gregas são cantadas de  
 Homero & Thucydides, & as Latinas tão  
 celebradas de Lucano & Tito Liuiio, fi-  
 quam em sua comparação hũ pequeno  
 outeyro apar do alto monte Olimpo. Ca-  
 dizem elles, & dizem bem, que conuem  
 comprar a fama longa a troco da vida  
 curta.

CAP.



Da clemencia & crueldade dos principes,  
& qual destas lhe quadra mays.



Or essa razã, disse o cidadão me parece a mim, que cõuẽ mais ao principe a clemẽcia que a crueldade, & que se colhe bem, que todo o que goberna, & tem mando & dominio na republica, se ha mais de prezar de piedoso que de cruel. Nisso, disse o theologo, nam tenho eu nenhũ debate. Verdade he que o principe ha de seguir a justiça direita & igoal: mas tendo isenção no afficio ha de ter humanidade na execução d'elle, & estando a couza em duuida ha se de inclinar á parte da clemencia, & prazerse de piedoso. Se nam vedeo em Nero & Iulio Cesar, qual delles foy mais amado, & mais famoso, & em q̃ tẽpo se fizeram mores cousas, & mais dignas de louuar. Era Nero, Nero, ro tam ctuel, que era sua vida nam a dar aninguem, em tanto q̃ matou sua propia may, & pos o fogo a Roma, p̃ era se delei-  
P tar



## CAPITULO III.

tarem a ver arder & destruir. Chorando todos cō muita lastima assi mininos como velhos, arrebetando sua dor em gritos de tanta magoa, que era pera todo o mundo ater delles, sō elle a não tinha: antes estaua olhando da alta torre Tarpea recreandose em ver abraçar aq̃lles nobres & antigos edificios, & ē ouir os tristes clamores começados pela dor & rotos pelo pranto, com que a miseravel & descōsolada gente representaua sua defauētura & sentimento. E assi não fez couza, q̃ boa fosse, antes lhe socedeo tudo tão mal, q̃ de atribulado & desesperado fugio de Roma, & em saindo dos muros apar da porta flaminia, que se agora chama do Populo, se matou com suas proprias mãos. Entã descansarão os Romanos quãdo viram a desestrada fim de quẽ a queria dar a suas vidas. Verdade he q̃ no principio de seu imperio deu elle boas mostras de si, por q̃ duraua inda nelle o mouimēto da doutrina de seu mestre Seneca. Assi como

hũa



hũa roda mouida cõ grãde ípeto, per grã-  
de espaço depois in da q̃ cesse o mouedor  
ella per si se moue e virtude da q̃lle ípeto,  
q̃ lhe pos o braço, até q̃ pouco a pouco se  
vay acabãdo o mouimêto, Assim Nero em  
sua mocidade foy mouido cõ a doutrina  
de seu mestre Seneca excellête philoso-  
pho, & ainda q̃ como começou a imperar  
cessou a doutrina, todavia per algũ tẽpo  
elle mesmo como p̃ si, se mouia a clemẽ-  
cia, por a q̃lle ípeto de seu mestre: até q̃  
pouco a pouco se foy desfazêdo a q̃lle bõ  
mouimêto, o qual acabado começou a q̃l-  
la espãtosa crueldade, & dominou a q̃lla  
fera & diabolica impiedade, da qual estã  
cheos os liuros. E pelo cõtraíro Cesar foy Cesar.  
tã humano, q̃ a seus propios ímigos nã so-  
mente perdoou, mas honrou. Deu a vida  
a quẽ lha queria tirar, fez honra a quẽ lha  
queria fazer perder. E trazendolhe a p̃sen-  
tada a cabeça de seu ímigo Põpeo não a  
quis ver, antes lhe pesou tãto de o mata-  
rẽ, q̃ de dor & piedade lhe arrebenrarão



## DA IVSTIÇA.

Plutarch.

as lagrimas dos olhos, como cõta Plutarcho na vida de Põpeo. Verdade he que perseguiu elle injustamente a Pompeo, & por isso pmitio Deos q̃ morresse de vinte & tres punhaladas no senado, & caio ao pé dhũa colũna, onde estaua a estatua de Pompeo, que parecia q̃ o estaua alli pisando cõ os pés, & vingando se dos males que lhe fizera. Certo disse o cidadão, esta foy hũa cousa notauel, vir a morrer aos pés, de quem por sua causa fora morto.

Plutarch.

Assi disse o theologo, o cõta Plutarcho Vedes a quem que se tornou a potencia de Cesar, ganhou quem o fez perder: ganhou o imperio pera perder a vida. Quã asinha se mudou tudo aquilo, que em longo tempo se buscou, & pera longo tempo se buscava. Mas com tudo elle foy piedoso, & prezou se sempre mais de fauorecer virtudes, q̃ castigar vicios. Dõde veo a ser muyto amado, & a prouocar os animos dos seus grãdes feytos: dos quaes elle ajudado alcançou incriuueis victorias



rias em menos tempo, do que parece que o vontade o podia desejar. E com isto tinha conta com a justiça, & com dar a cada hũ o que merecia, causa com q̃ muyto illustrou seu nome, porque a mais substancial qualidade do prícipe he distribuir os premios & as penas cõforme aos quilates dos merecimentos & culpas. Pera isso, disse o cidadão, me parece amim q̃ ha mister hũ juyzo muy inteirõ, despejado de odio & affeyçam. Por que hũ juizo corrupto o bê julga por mal, & o mal por bem, como eu algũas vezes tenho visto. Isso, disse o theologo, he verdade. A justiça anda ptenhe, & ás vezes pare monstros, por q̃ cõcebe de de odios ou interesses, os quaes de tal maneyra perturbam o juyzo, q̃ lhe fazẽ parecer as cousas, das cores que q̃rem. Assim, disse o mathematico, como o sol, que entra pelas vidraças, tal cor representa, qual he a das vidraças, assi qual he a affeyçam, tal he a sentença. O sol quando nasce, & quando se põe, parece mayor q̃ ao meio

Compa.  
raçam.

Compa.  
raçam.

P iij dia,



DA IVI:STIÇA.

dia, sendo elle sempre dhū tãmanho: mas enganãnos a vista os vapores, q̃ pela manhã & á tarde se nos põe ante os olhos, atravessandose antre nos & o sol, os quaes vapores nos feruê de oculos, em q̃ os raios visuaes batê como em vidros transparentes, & estendendose per elles fazê parecer o sol mór do q̃ parece ao meo día, & doutra còr: porq̃ quanto os raios visuaes mais se alargã, tãto mór nos parece a cousa que vemos. Estes vapores, que sobê da terra, sã nossas affeições, que saẽ de nos que somos terra: & elles sã os q̃ atravessandose nos diante dos olhos da alma nos fazê parecerẽ nos as cousas vistas maiores & doutra còr. E assi enganado o juyzo & corrupto o entendimento, julgamos as cousas nã segundo a verdade & realidade dellas, mas segũdo a affeição do amor ou odio q̃ lhe temos. E esta he a causa por q̃ no terra ha tam pouca justiça. Assi como o pintor per arte de p̃spectiua nos faz parecer as cousas altas & baixas sendo a

Comparaçãõ.

aboa



taboa i goal & toda lisa, assi nossa estimati  
 ua per industria da affeição nos faz pare-  
 cer hũas mesmas obras em hũs grãdes &  
 eminentes, & em outros pequenas & es-  
 curas, sendo a substancia dellas nũa mes-  
 ma igoaldade & resplandor. E desta en-  
 ganosa perspectiua da affeição ser cõmũ  
 a muytos, vê a desenganada justiça a es-  
 tar em poucos. Isto quis significar Hesio Hesiodo.  
 doro, quando disse q̃ a justiça vendose mal  
 tratada na terra se fora pera os ceos, & q̃  
 era hũa virgẽ incorrupta: pera significar  
 que erão poucos os justos, & q̃ não podiã  
 julgar segundo justiça, se não os q̃ tinham  
 o iuyzo liure de corrupção. E Chrysippo Chrisippo  
 declarando isto mais disse q̃ esta virgẽ ti-  
 nha o aspecto temeroso, & os lumes dos  
 olhos espertos, & o resto seueros & graue.  
 E Nigidio Figulo disse que esta era aq̃lla Nigidio.  
 virgem q̃ os antiquos dizião q̃ estaua naq̃  
 le circulo celeste, a q̃ os nossos Mathema-  
 ticos chamã Zodiaco colocada ãtre o lião  
 & a libra, entẽdẽdo pelo lião a fortaleza,



DA IVSTIÇA.

& pela libra a prudência & temperança, q̃  
 estão com suas balanças pesando as cou-  
 sas. E a justiça esta pintada com hũa espa-  
 da aguda dābos os gumes na mão, contra  
 cujos fios nam possa valer dureza de odio  
 nem brādura da amor, porque sem temor  
 corta direito & igoal. Quiserā nisto sig-  
 nificar os antignos q̃ a justiça he hũa vir-  
 tude celestial, pois a colocaram no ceo, &  
 que está autrc as outras virtudes cardeaes  
 no meo dellas como mais excellente, & q̃  
 dá, reparte, & distribue, cōforme aos me-  
 recimentos, sem attentar pera affeição.  
 Isso, disse o theologo, quis significar Casi-  
 odoro sobre os Psalmos, quando diz que  
 a justiça não conhece pay, nem may, mas  
 a verdade. E pa isto querouos trazer hũa  
 figura do velho testamento. Porque pois  
 vos como philosopho trouxestes razões  
 do intimo da mathematica, trarcy leu co-  
 mo theologo razões do intimo da sagra-  
 da escriptura. E por vos fazer a vontade  
 ātre as diuinas tocarcy tambẽ algũas hu-  
 ma-

Cassiodo.



manas. Diz o propheta Ezechiel aos qua-  
 renta & hũ capitulos de suas visões, q̄ vio  
 nũ templo pintados muytos cherubins,  
 & que cada hũ tinha dous rostos, hũ de  
 homẽ, outro de lião, & que com cada hũ  
 delles olhaua pera hũas palmas, q̄ estauã  
 antre cherubim & cherubim. Pelo cheru-  
 bĩ, que como diz sam Ieronimo, quer di-  
 zer muytos, se entẽde o Principe, & prela-  
 do, o qual se chama quasi muitos, por q̄ to-  
 das as virtudes q̄ estão espalhadas pelos  
 subditos, hã de estar jũtas no principe. E  
 ha de ser quasi muytos, por q̄ hade acudir  
 a todos, & ser de todos: de maneira q̄ o q̄  
 menos pte ha de ter nelle ha de ser elle.  
 Ter cada cherubim duas faces, hũa bran-  
 da de homẽ, & outra carrancuda de lião,  
 he dar a entender o propheta que o prin-  
 cipe aos bõs se ha de mostrar brãdo & su-  
 aue, & aos maos carregado & temeroso:  
 a hũs se ha de mostrar humano, & a ou-  
 tros se uero, a hũs ha de favorecer, & a ou-  
 tros castigar. Mas quer favoreça, quer ca-  
 stigue

Ezech. 42

Hierony.



## DA IVSTIÇA.

**Timo. 6.**

stigue, semp̃ ha de ter os olhos na palma, que he o premio da vitoria, & eterno galardam, a q̃ S. Paulo na segūda a Timotheo chama coroa de justiça, que lhe estaua no ceo aparelhada. Neste galardã diuino ham de ter postos os olhos os q̃ mandam & governã, pondo sempre em Deos o pensamento & tençam, porque elle he o verdadeyro premio, dirigindo a elle suas obras, pois a perfeiçam dellas consiste principalmente em ter a Deos por fim, & escolher meos cõuenientes pera o alcãçar.

**Cãti. 8.**

Isto he o que diz o esposo nos Cãticos do Salamão falando com a esposa, q̃ he Cristo, q̃ fala com a alma deuota, Poẽ-me como final sobre teu coração. Como se differa: Tomame por fim, poẽ-me como aluo na barreira de teu coração, onde vã parar todas as setas de tuas palauras, obras & pẽsamentos & quer castigues, quer fauoreças, poẽ os olhos em mim. Isto quis significar S. Augustinho no liuro dos costumes da igreja, quando diz, q̃ a justiça he hũ  
amor



amor, que serue a só o amado, q̄ he Deos, & porque a elle serue, por isso verdadeira mente manda & domína. Quer dizer q̄ a tençam do que faz justiça ha de ser posta em Deos, & que por seu amor se ha de mouer a fauorecer & castigar sem accepção de pessoas, & q̄ quando se offerecerẽ duas couças jũtas, hũa da pessoa outra do officio, quero dizer quando jũtamente se encõtrarem dous respeytos hũ da natural affeyção, outro do carrego publico, q̄ o homẽ tem, primeyro se ha da acudir ao do officio publico, q̄ ao priuado da pessoa. Esta he a causa porq̄ Christo nosso Redẽptor estãdo na Cruz primeyro falou polos peccadores, que falasse á gloriosa virgẽ sua madre, que estaua ao pé da Cruz, cõ a tristeza impressa e seu vulto, triste mais q̄ todas as tristes, & primeyro despachou o ladrão q̄ á virgẽ, porq̄ como seu officio era saluar peccadores, & a isto veio ao mũdo, quis primeiro acudir ao respeito publico de seu officio, q̄ ao particular do amor que



## DA IVSTIÇA.

que tinha á sacratissima virgẽ: acodio primeiro ao respeito de redemptor, & de poy ao de filho: & assi a terceyra palavra q̃ falou na cruz foy avirgem, & a primeira foy pedir ao celestial padre perdão pera os peccadores. Colhemos desta figura do diuino Propheta Ezechiel, & das may authoridades allegadas que todos os que tem dominio hã de preceder aos outros em virtudes, & ham de dar a cada hũ o q̃ merece, não se gouernando per affeição, mas per justiça, aleuantando o espirito a Deos, & pondo nelle os olhos de sua tenção, acudindo antes aos respeitos de seu officio que aos de sua pessoa. Equando digo que os principes & prelados ham de goardar igoaldade, não quero dizer q̃ tãto ham de dar a hũs como a outros, por q̃ essa igoaldade, he disigoaldade, mas q̃ as merces ham de ser igoaes aos merecimentos, & os castigos ao oliuel dos desmerecimentos. O sol quando bate na frontaria dũ alta edificio, entra per todas as jane-  
las

Compa-  
zaçam.



las abertas daquella banda, enchendoas  
 de sua claridade: mas como hũas sam grã  
 des, outras pequenas, per hũas entra mui  
 to resplendor, p outras pouco. E dizemos  
 que o sol entra igoalmente ptr todas aq̃l-  
 las janelas, não por q̃ tanto entre per hũa  
 como pela outra, mas porque entra igoal  
 & conforme ao tamanho & capacidade  
 de cada hũa. Assi entã dizemos q̃ os prin-  
 cipes & prelados sam igoaes, não quando  
 tanto fauor fazem aos de menos quilates  
 como aos de mays, mas quando as merces  
 sam proporcionadas com os metecimẽ-  
 tos, & imitão a Deos acerca do qual nam  
 hahi accepção de pessõas, como o affirma Deute. 10.  
 a escriptura no cap. x. do Deuteronomio  
 & sam Paulo no segundo da Epistola ad Galat. 2.  
 Galatas, & sam Pedro nos Actos dos A-  
 postolos, como o refere sam Lucar no. x.  
 dos mesmos actos. Tal ha de ser o princi Act. 10.  
 pe Christão, imitador de Christo, ornado  
 de todas as virtudes, abrafado no fogo da  
 diuina charidade, pera que insine & go-  
 uerne



## DA IVSTIÇA:

uernõ nam somēte com leys & palauras  
mas cõ obras & exemplo. O qual elle nã  
fará se se guiar per affeyçã corrõpedora  
do'juizo. Afsi como pera discernirmos &  
diuifarmos a coufa mayor da menor vfa-  
mos de medida justa, & pera discernir-  
nos a coufa pessada da leue vſamos de ba-  
nça certa, & pera dizernirmos os mais  
os menos vſamos de numero desenga-  
ado, Afsi pera julgarmos & diffinirmos  
& distinguirmos o justo do ãjusto, he ne-  
cessario vſarmos do juyzo da razã liure  
& incorrupto, o qual necessariamente ha  
de ter o justo principe & prelado: por q̃  
mal pode ser a sentença liure, se o juizo  
esta catiuo, & mal pode ter a vara direyta  
quem tem a consciencia torta.

### CAPITVLO IIII.

¶ Das ideas de platão, & dos votos, &  
eleyções, & qualidades, que ha de  
ter, o que a outros gouerna.

A Qui





Qui respõdeo o mathemático dizendo: Hũ desses príncipes será mais raro de achar que aue phenix, que nã ha mais que hũa no mundo: & esta não se ve senão em Phenicia região de Arabia, & viue quinhētos ãnos, como diz Pomponio Mela, com quem concorda Herodoto, ainda que Solino diz, que viue quinhētos & quarenta annos, & Plinio seis centos & sesenta. Creio eu disse o cidadão, que auerá destes principes muy poncos. Mas per ventura nenhũs disse o jurista. Antes, disse o theologo, auerá muitos Quanto mais que ainda que nenhũ tuessse esta perfeçãõ, aquelle que mays perto for della, se chamará mays perfeyto. Como de muytos besteyros, que tirã a hũa barreira, quando nenhũ delles dá no aluo aquelle que mays perto chega delle he o milhor. E alem disto ainda que a cousa não seja, nem aja de ser, bê se pode descreuer & definir. Isso, disse o jurista parece

Põponio.

Herodoto

Solino.

Plinio.

Compa.

raçam.



## DA IVSTIÇA

parece impossível, porque como o definido & a definição sejam relativos, & não possa ser hū sem o outro, como pode haver definição se não ha hi definido, nem o ha nunca da ver? Ainda respondeo o theologo, que o não aja realmente, ha no cōcepto daquelle que o define. Dōde veo

Platão.

Platão a definir & escrever hūa republica a mais excellente q̄ elle imaginou, a qual

Xenophō.

nunca foy nem ha de ser. E Xenophonte excellentē philosopho & oradar condiscipulo do mesmo Platão p̄tōu na Pedia de Ciro hū perfeito principe, qual elle nunca vira, nem cria que veria nunca. Isto he

Cicero.

o que diz Cicero no segūdo liuro de oratore, & Volaterano na vida de Xenophōte,

Volatera.

que não seruo Xenophonte tanto a historia de Ciro, como a instituyr hū perfeito principe. Ambos estes dous philosophos Platão & Xenophonte forão discipulos do grãd e Socrates, de cuja fonte beberão esta doutrina: não definirẽ nesta suas obras o que era, mas o que desejava  
que



que fosse. Assim o affirmo o glorioſo. S. Ambrosio no proêmio, que fez no primeyro liuro de abraham. E o meſmo Cicero, cõ quem agora alegaua, deſcreueo hũ perfeyto orador, qual nõca ouue, nem auerá. A eſtes autores imitaram em noſſoſtẽpos Thomas Morus conde de Inglaterra, no liuro da cidade, q̃ hi nõ ha: & Balthazar Castellão Conde de Italia no ſeu liuro do pfeito corteſam. E outros modernos, que por breuidade deixo de cõtar. Quando Phidias aquelle famoſo pintor tã nomeado no mundo, pintou aquella imagẽ de Minerua tã bela em ſuas naturaes proporções & lugares de ſua gentileza, q̃ nõ ouue quem depõys podette imitar a perfeiçãõ de ſuas feições, nõ olhaua pa nenhũa molher que tiraffe pelo natural, mas em ſeu entendimento eſtaua hũa figura de fermoſura perfeitiſſima, a qual elle contemplando, & tendo nella fitos os olhos de ſua mente, a ſua ſemelhança dirigia a mão. E matizou hũa imagẽ tam excelente

Ambrosio.

Morus.

Castellão

Q

celente



DA IVSTIÇA.

cellente, & tão viua ao parecer, q̄ parece  
 que gastou nella todo seu artificio, mas  
 ainda nam chegou áquella traça & figu-  
 ra, em q̄ tinha pregados os olhos do entē-  
 dimento, que era como hū extremo de  
 natureza, de tanta perfeçam, que nem a  
 imaginaçam tinha mais que pintar, nē o  
 desejo mais que pedir. A estas figuras tra-  
 çadas no concepto chama ideas aquelle  
 insigne Platão, aquem o philosopho Pa-  
 necio chama sapientissimo & Homero  
 dos philosophos. O qual nã somēte na phi-  
 losophia, mas ainda na eloquencia eclis-  
 psou a memoria dos ante passados, & en-  
 sinou os homens a fugirem da sensuali-  
 dade, em tanto que lhe fizeram os gētios  
 hū epitaphio que dizia, q̄ o deos Apollo  
 tiuera dous filhos Sculapio & Platão, Scu-  
 lapio pera curar os corpos, & Platão as  
 almas, como o refere na sua vida Mar-  
 silio Ficino. Enã vos pareça que nam ha hū  
 ideas, porq̄ a ha sem duuida. E S. Augu-  
 stinho no liuro das oytēta & tres questões  
 onde

Platão.

Marfilio.

August.



onde trata copiosamente esta materia, diz que as ha hi, & que tem tanta força, que ninguem sera sabio, se as não entēder. Cō a qual sentença se vão os outros theologos. E por esta causa bē podemos pintar & descreuer hum príncipe justissimo & perfeytissimo, não como retrato dos q̄ hi ha, mas da idea, que em nossa alma concebemos. Quanto mais que como disse, ouue hi, & ha oje em dia muytos príncipes gloriosos & excellentes, que com sua justiça, virtude, esforço, & sapiencia alcançarão tam illustre & perpetua fama, q̄ morrēdo elles, ella sempre viuirá, se auer couisa no mūdo, q̄ a possa enterrar no esquecimēto. Essas ideas de Platão, disse o jurista, são mais escuras sessēta vezes q̄ a nossa lei Galus, q̄ nos temos por hū extremo de escuridade. Verdadeiramente ellas me parecem hūas chimeras, q̄ o q̄ dellas mais entēdo he nã as etēder. Não são ellas muyto claras, disse o mathematico, mas mais difficiles são os numeros de Pythagoras, & a inuência da



DA IVSTIÇA.

roda & esphera viua, & da quadratura do circulo, & o nacimiento & occasu dos signos, & outras materias desta qualidade, onde ha muytas subtilezas & delicadezas mayns meudas & piores dentender q̃ os atomos de Epicuro. O que eu desejo disse o cidadão, he saber as qualidades, q̃ em especial ha de ter hũ Rey, ou hũ prelado, ou em fim qual quer gouernador, q̃ tem mando & dominio, pera se poder chamar perfeyto, E auendo eu de eleger hũ cidadão pera gouernar a republica, qual antre os outros escolherey. Isto folgaria q̃ tractasseis, porq̃ me parece materia mayns vtil, que adas ideas. No velho testamẽto, disse o theologo, estã escripto aos dezasete capitulos dos Numeros q̃ contendẽdo muytos sobre o sũmo sacerdocio, foy pronũciado per Deos, q̃ aquelle tiuesse esta dignidade, cuja vara floreceffe. E postas as varas de todas as gerações dos filhos de Israẽl e o tabernaculo do cõcerto, somẽte acõteceo isto á verga de Aron, a qual mi-  
lagrose

Numc. 17.



magrosamente deu folhas, & flores, & fru-  
 cta, & não qualquer mas excellēte. Quis  
 Deos nisto significar que aq̃lle he digno  
 da dignidade & prelazia, & de ter mado  
 sobre os outros, cuja vida tē folhas & flo-  
 res, & fructo. Pellas folhas se entendē as  
 palauras, letras & doutrina, pelas flores as  
 boas esperanças & reputação: & pelos fru-  
 ctos as boas obras. E pelo contrairo aq̃lle  
 he indigno da dignidade, cuja vida he se-  
 ca, nua de boas letras & de boas esperan-  
 ças, & de boas obras. Que as letras sejam  
 necessarias ao que gouerna, em especial  
 ao prelado ecclesiastico, dilo sam Paulo  
 escreuendo desta maneira aos Ephesios: Ephes. 4.  
 Deos deu huūs Ap̃s, outros prophetas,  
 outros euāgelistas, outros pastores & me-  
 stres. Sobre estas palauras diz assi sam Ie- Hierony.  
 ronymo. Nota que aquelle que he prela-  
 do, ha de ser mestre. Nam diz, outros pa-  
 stores, outros mestres, mas outros pasto-  
 res & mestres. O mesmo S. Paulo na pri- 2. Timo. 3.  
 meira Epistola a Timotheo, & na ep̃la a

Q. iij. Tito



## DA IVSTIÇA:

Lēni. 22.

Exod. 28.

Dent. 1.

Tito, nas quaes debuxa & matiza o bom prelado, antre as outras qualidades, q̄ lhe atribue, põe a doutrina & sciência. No Levitico dizia Deos que lhe nã offerecessẽ animal cego. Que animal cego he este q̄ Deos reproua, senam o prelado sem sciencia? Isto quis Deos significar, quãdo mãdaua no Exodo, que o summo sacerdote trouxesse no peyto hũ racional com hũas letras, que disse sem: Doutrina & verdade. Prelado sem letras he auẽ sem penas, & nauio sem leme, & relogio sem pesos. No primeyro capitulo do Deuteronomio falando Moyses com os Iudeos dizialhe: Dayme dantre vos varões sabios & prudentes, cuja conuersação seja aprovada de vós, & eu os farey vossos principes. Isto quizeram significar os antiquos Hebreos no seu alfabeto, no qual nenhũa letra alevanta a cabeça senam lamed. Estando todas as outras bayxas, só ella está alta com hũa coroa em cima como raynha & princesa das outras. E auẽdo no alfabeto

he



hebrayco vinte & tres letras, o lamed he a duodecima, de maneira que está collocada pôtu almête no meo de todas ellas, & q̄r dizer doutrina, deriuada do verbo lamad hebraico q̄ quer dizer ensinar. Ca todas as letras hebreas, alem do q̄ sam, tẽ suas significações. Per este lamed se êtende o principe & prelado, q̄ está mais alto, ao qual todos os outros se inclinam, elle manda, & os outros obedecem. Aleuãta a cabeça pera cima, porque o prelado ha de ter a mente pera o ceo aleuantada, pedindo sempre o diuino adjutorio. E significa doutrina, porque o prelado ha de ser docto, & sua vida ha de ser hũa viua doutrina, de maneyra que ensine cõ palauras & com obras. S. Cyrillo no segũdo liuro dos cõmentarios que fez sobre o Leuitico, que algũs querẽ atribuyr a Origenes, diz q̄ a razã porq̄ no Leuitico, õde se fala do peccado do prelado, se nã faz mēçã da ignorancia, fazendose quando se trata do peccado das outras pessõas, he porque

Cyrillo.

Q. iij. se



## DA IVSTIÇA.

se presupõe que nam pode auer ignorãcia no prelado, pois pera ensinar os outros foy electo & instituido. No segũdo Psalmo diz Deos: Sede eruditos vos os q̃ julgais a terra. E pelo Propheta Osea: Pois tu desprezaste a sciẽcia, eu te desprezarey pera que não tenhas officio de sacerdote. Pera que he mays senam q̃ as mesmas dignidades se chamão magistrados, porque os que mandão & presidẽ hã de ser mestres ornados de sciencia & doutrina? Isto baste quãto ás letras. Que seja necessario ao que ha de ser electo dar de si bõa esperança, & estar em bõa reputaçã, dilõ sam Paulo a Tito & a Timoteo. E esta he a causa, porque Christo nosso Redemptor pergũtou a sam Pedro, primeiro q̃ o fizel se principe dos apóstolos, se o amaua, pa nos ensinar que a aq̃lles se ham de dar os carregos & prelazias, q̃ estiuerem em reputaçam de amadores de Deos. E não somente lhe pergũtou se o amaua, mas se o amaua mays q̃ os outros, porque aq̃lles

ham

Psalm. 2.

Ose 4.

Tito. 1.  
1 Timõ. 3.

Ioan. vlt.



ham de ser electos em prelados, q̄ tiuerẽ fama de exceder aos outros em charidade. E nam se contentou o Senhor de perguntar a Sam Pedro hũa vez se o amaua, mas três vezes lho perguntou, como o diz sam loãõ no seu Euãgelho. Ensinou nos nisto o Saluador o exame, que auiamos de ter na eleyçam do prelado. Nam pergũta a sam Pedro se he fidalgo, se he cãtor, se he debuxador, mas se he sobre todos verdadeyro amador. A elle diz: Apascentã minhas ouelhas. Nam diz Apascentate a ti, mas minhas ouelhas, nẽ diz: mata as, come-lhe a carne, esfolaaas, trosquiãas, vistete da sua laã, se não apacentaas. Aquelle a pascenta as ouelhas que acorre a suas necessidades, assi da alma como do corpo, ensinandoas com doutrina & obra, com palauras & virtudes. Mas porque os electores nam, errẽ, ham de eleger aquelles, que em melhor reputaçãõ estiuerem, & melhor esperançã de si derem, que farãõ bem seu officio, & medirã suas obras cõ

Ioan. vlu.

Q. IV que



## DA IUSTIÇA:

- a regrada doutrina Euangelica. Isto he o  
 1. Timot. 3. que diz S. Paulo: Conuê q̃ o electo tenha  
 bom testemunho daquelles q̃ sam de fo-  
 ra. Isto he quanto á reputação. Poys que as  
 boas obras lhe seião necessarias dilo Chri-  
 sto n'osso Redemptor em S. Matheus: O q̃  
 Math. 5. fizer & ensinar este será grande no reyno  
 dos ceos. E sam Paulo diz escreuêdo a Ti-  
 2. Timot. 4. motheo, que elle constituyra em prelado:  
 Tu vigia, & em tudo trabalha. Porque o  
 prelado ha de ser exemplo de boas obras.  
 Iudic. 3. Isto declara a escriptura no liuro dos Iu-  
 zes, onde o bom Gedeão capitão dos Is-  
 raélitas lhe dizia: O que me virdes fazer,  
 isso fazey. O bõ principe ha de obedecer  
 ás leys pera dar exêplo. No Deuterono-  
 mio mãdaua Deos, que tanto que el Rey  
 fosse electo & cõstituido, escreuesse a ley,  
 & a tiuesse cõsigo, pera per ella se gover-  
 4. Reg 12. nar. E no iiii. liuro dos Reys está escripto,  
 que querendo constituyr em Rey o prin-  
 cipe, lhe pos o sacerdote na cabeça a co-  
 roa real, & em cima a ley de Deos, porq̃  
 ella



ella he a q̄ os reys per cima de tudo ham  
 de estimar. Diz S. Ambrosio, que o q̄ do- Ambrosio.  
 mina faça leys, que elle mesmo goarde.  
 Não porque seja fogeyto à ellas, mas polo  
 exemplo que de si deue dar aos outros. O  
 principe ou prelado he oliuel, q̄ não sô-  
 méte em si he igoal & direyto, mas igoa-  
 la, & indireyta o edificio: & mal pode elle  
 indireytar, se for torto. Assim como não po- Compã-  
raçam.  
 de ser direyta a sombra da vara torta, assi  
 não he o pouo justo, quando o Rey he de-  
 prauado. Isto he o q̄ diz Salamão nas Pro- Prover 29  
 uerbios: O Rey justo aleuanta a terra. E  
 no Ecclesiastico se diz: Qual he o rege- Ecclef. 10.  
 dor da cidade, taes sam os moradores del-  
 la. E daqui vem que os peccados do pouo  
 sam attribuidos aos prelados, q̄ não sômê  
 te peccãõ com obras, mas cõ maos exem-  
 plos. Quando hũ relógio, q̄ tem todo seu Compã-  
raçam.  
 concerto necessario, anda destempera-  
 do, mays se attribue este erro ao relógioy-  
 ro, que tem carrego de o temperar, que  
 ao mesmo relógio. Assim errando o pouo,



## DA IVSTIÇA

& deyxãdo a virtude polo vicio, a aquelle se ha de dar a culpa, que tem carrego deo moderar & reger, pois com seu mao exemplo o estraga & destempera. Assim como o mar imita & segue ao ar, de maneyra q se o ar está sereno, está o mar assollegado, & se o ar anda tempestuoso, anda o mar cõ tormenta, assi se o principe he virtuoso, o pouo segue a virtude, & se he vicioso, he tambẽ o pouo dado a vicios. Por isso dizia S. Paulo a Tito Em todas as cousas te põe por exemplo de boas obras. Resumindo & epilogando o que tenho dito, respondo a vossa questãõ, que a aquelle a ueys de dar vosso voto pera gouernar, q antre todos tiuer mais saber, & der de si milhores mostras & esperanças, & fizer milhores obras, q sam as q lidades substanciaes do prelado. Assim como hũa nao nam se deue chamar boa por ser melhor pintada nem por ter a proa de prata, nem por ser ornada de fermosas bandeiras & estendartes, se nam por ser firme & segura, &  
bem

Comparaçam.

Tito. 2.

Comparaçam.



bem vedada, ligeira, veleyra, obediente  
ao leme, de bõs mastos, velas, madeyra, &  
pregadura, assi não se chamará ninguem  
bom prelado por ser bom tãgedor de te-  
cla, bom escriuão, de nobre geraçam, pri-  
uado de principes, ou por outras quali-  
dades desta maneyra, porque ainda q̃ or-  
nem a pessão, nam entram na essencia de  
bõ perlado. Mas aquelle se chamara bõ  
prelado q̃ tiuer letras, reputação, & virtu-  
des. Nas quaes tres cousas se cõprehende  
ser sobrio, cõtinente, justo, diligẽte, pru-  
dente; & amador de Deos. Finalmente  
aquelles hão de ser em prelados cõstitui-  
dos que forem sabedores no regimento,  
virtuosos na vida, exemplares nas obras,  
experimentados nos dias, humanos na  
conuersaçã, & liures no officio. De ma-  
neira que se ha de fazer toq̃ nos homẽs, &  
aqlles hã de ser escolhidos pera gouernar,  
q̃ mais quilates tiuerẽ de cõfiãça, porque  
quãto cada hum estã em lugar mais alto,  
tãto ha de ser cõ merecimẽto mais eminẽte.

CAP.



## DA IVSTIÇA;

## CAPIT. V.

¶ Em que o theologo trata do officio do principe, & do perigo em que viue, & das qualidades que ha de ter segundo a sentença dos philosophos.

Bias.



Celio.

Pindaro.

Diodoro.

Fulgosio

¶ Perguntado Bias o philosopho qual era o bom principe & prelado, respõdeo, como refere Celio Rhodigiano, que aquelle q̄ obedece ás leys, & que he o primeyro q̄ se fomete a ellas. E nisto diz elle verdade, porque Pindaro affirma que a ley he raynha de todos os mortaes. Dõde os Reys do Egypto, como conta Diodoro Siculo, enão se tinham por bemaenturados, quando obedecião ás leys. Conta Fulgosio q̄ Anthioco terceyro Rey de Asia escreueo a todo seu reyno, q̄ se em suas cartas ou aluarrás se achassem cousas cõtra as leys, q̄ soubessem q̄ era descuido, & q̄ não goardassem taes cousas, porq̄ sua tenção não era quebrar as leis. E o mesmo fez Tiberio Cesar, como



como o affirmo Nicephoro no primeyro Nicepho.  
 liuro da sua historia. Solão Salaminio diz: Solão.  
 Então rege, quando tiueres aprédido a ser  
 regido. Socrates diz q̄ he ignorãcia que- Socrates.  
 rer imperar sobre os outros, que nã pode  
 imperar sobre si. Plutarcho diz q̄ pessimo Plutarcho.  
 he o governador, q̄ nãõ governa a si. Por  
 que d'elle ser mal regido procede nã auer  
 no pouo bõ regimento. E pelo contrayro  
 quando o governador he justo, & obede-  
 ce ás leys, os subditos folgã de lhe obede-  
 cer a elle. E cõ isto se sustentão os reynos.  
 Dizia Cãbises Rey dos Perlas q̄ duas erãõ Cambises.  
 as cousas, cõ q̄ se podia a republica suste-  
 tar, a primeira quando a virtude regia ao q̄  
 regia, & a segũda quando os q̄ obedição  
 entendião quãta honra era bẽ obedecer.  
 Dizendo hũs a Theopompo Rey de La- Theopõp.  
 cedemonia q̄ então hia bem aos Lacede-  
 monios, porq̄ os reis aprédiã a bẽ mãdar,  
 respõdeo elle:ãtes porq̄ os subditos aprê-  
 dẽ a bẽ obedecer. E então obedecẽ elles,  
 quando vẽ os principes bẽ mãdar, & entã  
 mã



## DA IVSTIÇA.

mandá bem, quando fazê o que mandá  
 Porq̃ então fica a ley hũ prelado mudo,  
 & o prelado hũa ley que fala. Então he o  
 prelado ley que fala, quando faz o q̃ de-  
 ue, sem a solta liberdade, que o m̃do &  
 dominio consigo trazẽ, corromper com  
 vicios sua bõa inclinação. Então he ley q̃  
 fala, quando satisfaz com a pessoa o q̃ de-  
 ue ao officio. Então he ley que fala quan-  
 do ṽsa da prosperidade do mundo como  
 de cousa, que em nenhũa faz assento nẽ  
 firme alicesse, antes conhecendo sua va-  
 riedade & inconstancia, nem acquire so-  
 berba na bonança, nem perde o animo  
 na aduersidade, pera deixar de fazer justi-  
 ça, & perder o tento de sua governança.  
 Então he ley que fala quãdo com seu ef-  
 forço o dá aos seus, quando a razão ven-  
 ce o appetite, & a justiça não tem conta  
 cõ a affeição, quando tem posto os olhos  
 no proueyto cõmũ, confirando que elle  
 mesmo não he seu, mas do pouo, & q̃ ha  
 de ser hũ sol igoal a todos, & ha de puer  
 a to.



a todos & ter conta com todos, & vigiar sobre todos cō mays olhos, dos que fingem os poetas q̄ tinha Argos. Ofiris quer dizer coufa, que tem muytos olhos. E por esta causa diz Eusebio no liuro da preparação Euangelica, & Porphyrio no liuro contra os que comē carne, q̄ os Egypcios poserão este nome ao sol, porque elle cō seus rayos vencedores das treuas como com clarissimos olhos vé & rodea todas as coufas. E porque Ofiris como diz Diodoro, foy Rey do Egypto, onde ensinou muytas artes, o adorarão os Egypcios como a Deos, ou Rey diuino, dizendo que elle era o mesmo sol. Quiserão nisto significar os antigos, que o bom principe & prelado, he hū sol commū a todos, que vigia sobre seu pouo cō muytos olhos, estãdo sempre no meo como o sol, que está no meo dos sete planetas. Os Egypcios antigos, q̄ em lugar de letras se entendião per figuras & charateres, quãdo querião significar Deos, pintauão hum cetro

Eusebio.  
Porphyrio

Ofiris.  
Diodoro,

R direy



DA IVSTIÇA.

direyto & alcuãtado com hũ olho em cima, dando a entêder que Deos era justo Rey, & que via tudo, & que taes auia o de fer os principes, se quisessem ter por vida em pregala em coulas de gloriosa memoria. De maneyra q̃o principe & prelado ha de viuer sobre os seus cõ grande vigi- lãcia, & acodir a todos, & olhar por todos. Esta he a causa, por q̃o tribuno do poto não podia estar fora de Roma hũ dia in- teyro, como o affirma Aulo Gellio no se- gũdo capitulo do terceyro liuro das suas noytes Aticas, & Macrobio, no terceyro capitulo do seu primeiro liuro dos Satur naes. Porque querião os Romanos, q̃ os que tiressen carregos pubricos, & domi- nio antre a geralidade, fossem presentes a tudo, pa q̃ deyxassem passar culpa sem ca- stigo, nem virtude sem galardão. E pa esta execuãõ escolhiãõ magistrados, q̃ nẽ alar- gassem tanto, que perdessem por brãdos, nem tirassem tanto, que excedessem por rigorosos. Dizia Fronto consul que foy

Aulo Gel.

Macrobio.

Fronto,

no



no tempo do Emperador Nerua, como  
 o refere Fulgosiõ, que maõ era viuer á obe  
 diencia do principe, que vay a mão á tu- Fulgosiõ.  
 do, mas pior era estar subjecto a principe,  
 que não vay á mão a nada. Porque ainda  
 que faz damno o que não permite nada,  
 muyto mór o faz o q̄ permite tudo. Grã-  
 de trabalho, disse o cidadã, he o do bõ prin-  
 cipe & prelado do, poys he obrigado a ser  
 justo & igoal, & a cumprir com todos, &  
 a contentar a todos, que parece cousa nã  
 famente difficultosa, mas impossivel. He  
 cousa, disse o theologo, tão trabalhosa &  
 perigosa que dizia. Demostenes, que se Demoste.  
 nos fossem mostradas duas vias a esco-  
 lher, hũ que guiasse á morte, outra á go-  
 uernãça da republica, auiamos antes de  
 escolher a da morte que a da governãça.  
 Assi o conta Plutarcho na sua vida. Plutarcho  
 E Chrysippo dizia, que nenhum homem Chrysip.  
 auia de pretender dignidades & prelazias,  
 poys está tomado as mãos que se o fizer  
 bem, ha de descontentar aos homẽs &



## DA IVSTIÇA

Pythago.

Laércio.

se o fizer mal, a Deos. Isto quis significar Pythagoras naquella sua sentença relatada mas não explicada per Laércio, lida de muytos, & entédida de poucos, q̄ diz, que não curê de fauas. Isto dizia elle, não porque prohibisse comer fauas, mas porq̄ em tépos antigos as eleyções dos votos se fazião com fauas, & quem mais leuaua alcançaua a dignidade & prelazia. Quis dizer o Philosopho que ninguẽ buscasse nem pretendesse carregos nem governanças, se queria viuer quieto. *Quam grâdes & incõportauéis seião os trabalhos dos q̄ bem governão sentio bem Turbo* prefeto dos Romanos, o qual sendo amoestado do Emperador Adriano que descansasse, & senão desse tanto ao trabalho, respondeu, como refere Dião Cassio, que era necessario aos homês q̄ governão outros morrer em pé trabalhando. Cõcerta isto como o q̄ diz Seneca no liuro da clemencia, que não ha de cuydar o que manda & governa, que a republica he sua, mas que

Turbo.

Dião.

Seneca.

cile



elle he da republica: nem se ha de ter por  
 senhor mas por escrauo & seruo publi-  
 co. E como diz Pittaco hũ dos sete sabios, Pittaco.  
 ha de ser sujeito á razãõ dos seus, & liure  
 á sem razãõ dos alheos. Diz o Petrarcha Petrarcha.  
 que o bom Rey o dia que começa a reyn-  
 nar, acaba de viuer a si, & começa a viuer  
 pera os outros. E se faz o contrayro, de-  
 strue totalmente a republica, porque, co-  
 mo diz Xenophonte, todas as que se per- Xenophõ.  
 derãõ, foy por causa dos gouernadores. E  
 per aqui vereys quam graue peccado he  
 eleger á scinte homẽs indignos, por affei-  
 çãõ ou particular interesse. Sãcto Antho- Anthoni.  
 nino na terceyra parte affirma q̃ peccãõ  
 mortalmente, poys indo cõtra a charidã-  
 detrazem notauel damno á igreja, á qual  
 ninguẽ mais empece que o mau prelado.  
 Dizia o Papa Pio segundo como o refere Pio. 2.  
Platina.  
 Platina, que os homẽs se hãõ de dar ás di-  
 gnidades, & nã as dignidades aos homẽs,  
 Hũa das virtudes de que foy louuado o  
 grande Constantino foy, que aos homẽs



## DA IVSTIÇA.

bayxos, a q̄ quis bẽ, antes q̄ fosse Empera-  
 dor, depoy d'alcãçado o imperio lhe fez  
 merce de dinheiro, mas não de officios da  
 republica, saluo aos que pera isso tinhão  
 habilidade & merecimento, como o cõ-  
 ta na sua vida Pomponio Leto: porq̄ di-  
 zia elle, q̄ os carregos pubricos & magi-  
 strados não se auião de dar por affeyçam  
 mas por razão. Esta he ordẽ per onde tu-  
 do vay sem ella, prouerẽ as pessoas de offi-  
 cios & não os officios de pessoas. Daqui  
 vem os descõcertos & desbarates dos su-  
 bditos, porq̄ assicomo sendo a fonte solo-  
 bre, não podem ser doces os ribeyros, assi  
 sendo corrupto o prelado, sam tambem  
 os subditos corruptos. Mas o bõ prelado  
 ha de olhar o officio, que tem, & consirar,  
 que quanto estã mays alto, tanto estã em  
 mayor perigo. Declarando sam Gregorio  
 aquellas palauras de Christo nosso Salua-  
 dor em S. Ioão: (Accipite spiritum factũ:)  
 diz assi: Grãde he a hõra da prelazia, mas  
 he graue o seu peso. Couisa dura he q̄ seja  
juyz

Leo.

Compa-  
raçam.

Gregor.

Ioan vlt.



juyz da vida alhea, quem não sabe gouernar a sua propria. Quem não he pera ser araez do pequeno barco de sua vida, como sera piloto da grãde nao da republica? cõ que coração oufa tomar na mão o leme da gouernança de todos, quem não atina a gouernar a si? Se hũ Anjo custodio sendo espirito tão purificado & excelente, se contenta com ter hũa só pessoa debayxo de sua guarda, qual he o homẽ, que deseja & pretende ter muytas, sendo fraco, & imperfeyto, & finalmete sendo homẽ. E mays poys ha de dar conta das ouelhas a elle cometidas. Falando Deos cõ o prelado aos iij. capitulos do Propheeta Ezechiel diz: Senão falares & declarares a teu subdito, que se tire de seus vicios, elle morrerá em seu peccado, mas tu me darás cõta do seu sangue, eu tomarey vingança de ti. Palauras sam estas pera metterem espanto, & fazerẽ desfazer a roda, & tornar sobre si, & meter debayxo dos pés todas as fantesias. Em Deos dizer q̃ o

Ezech. 3.



DA IVSTIÇA.

prelado lhe pagará a morte do subdito, dá a entender que o mau exemplo dos prelados he causa da perdição dos subditos. Donde veo a dizer S. Augustinho q o prelado, que viue mal, he homicida. E pera não ser tal, ha de ter sciencia cõpente, & fazer inteyra justiça, & dar exemplo de vida & sanctidade. Isto quis a escriptura diuina significar no terceyro liuro dos Reys, quando diz que mandou Salomão fazer no templo certas basas de colunas, em que estauão esculpidos cherubins, & liões, & bois. As basas sam os principes & prelados, que hão de ter sobre si, todo o peso do edificio. Donde vierão os Gregos a chamar ao Rey Basileus, q quer dizer basa do pouo, como hũ assento, sobre que está todo o peso & trabalho da republica. E daqui se colhe que quanto cada hũ está mays aleuantado per dignidades, tanto he mays opprimido com o peso do trabalho. Pelos cherubins que como muytos dizẽ, querẽ dizer cõprimẽto

de

August.

3. Reg. 7.



de sciencia a qual interpretação segue S. Gregorio, significou Salamão q̄ os prin-<sup>Gregori</sup>cipes & prelados em especial os ecclesiasticos hão de ter sciencia & conhecimento da diuina escriptura. Pelos liões se entende a seueridade da justiça, & o esforço, & alto animo. E pelos boys os rrabalhos nas obras & exercicio de virtudes. Todas estas coufas estauão nas basas do templo, que sam os principes & prelados comparados, como diz Chrysoftomo, ás basas & <sup>Chrysoft.</sup> fundamentos do edificio, porque afficomo <sup>Comparaçãõ.</sup> ainda que caya & se perca hũa pedra da parede, facilmente se repira, mas perdendo se o fundamento perde se todo o edificio, & leuado o alicece, cae a machina, assi o erro d'hũ subdito facilmente se emenda, mas perdendo se os principes & prelados, & sendo leuados de seus vicios & desbarates, fica tão arruynada a repubrica, que pera seu mal ter remedio tem a esperança perdida, & pa ver sua destruiçã sobejão olhe esperanças, se se podê chamar



## DA IVSTIÇA.

esperanças os temores de seus males & de  
 fauenturas. Verdade he, que poys a misericordia de Deos he immensa, não se de-  
 ue nunca della de desesperar. Mas hão de  
 cōsilar os principes, que poys sam funda-  
 mento da republica, conuem ter muyta  
 firmeza no pensamento, pera poderem  
 foster tão alto edificio. E hão se de entre-  
 gar totalmente á virtude, & viuer cõfor-  
 mes á ley Euangelica, & goardar inteysa  
 justiça, depenando as soberbas dos reuol-  
 tosos, & dãdo alas de fauor aos pacificos,  
 pera que ornados de bõa sciência, & de bõa  
 fama, & de bõas obras, alcancem nome  
 de perfeitos principes & prelados, & aca-  
 bada esta vida, que he transitoria, alcan-  
 cem a outra, que he eterna, onde a gloria  
 he sem termo, & o amor sem fim, q̄ ain-  
 da que passe o amor do mūdo, o de Deos  
 não passa, porq̄ começa aqui, & lá he mais  
 perfeyto, & cá o amor do mundo he sol-  
 d'antre nuuēs, q̄ arde muito & dura pou-  
 co. E assi tenho mostrado não somente  
 pelas



pelas letras diuinas mas humanas, qual he o officio do bom principe & prelado, & em quãmanho pe rigo viue, & as qualidades que ha de ter, pera ser dignamente electo, & comprir com sua obrigação, que he singularizar se no resplêdor da virtude sobre todos, poys tem superioridade sobre todos, peragouernar como prudente & acutelado, o que elle deue ser pera não errar. Porque as bõas cautelas, caso que ás vezes ganhem pouco, todavia asseguram muyto.

## CAPITULO VI.

Em que o theologo declara que os principes ham de ser mansos, & humildes, & inimigos de nouidades.



Das estas qualidades, que o principe ha de ter, hão de ser adubadas cõ mansidão & humildade porq̃ a ira & soberba estragão as virtudes. E se isto conuẽ a todo o principe, quanto mais ao prelado ecclesiastico, que ha de imitar aquelle



## DA IVSTIÇA:

aquelle bõ pastor Christo nosso Deos, q̃  
 trouxe aos hombros a ouelha que se per-  
 dera, & que diz em S. Matheus: Quem  
 quiser ser mayor antre vos, seja vosso mi-  
 nistro, & o que quiser ser primeyro, seja  
 vosso seruo, assicomo o filho da virgem, q̃  
 não veo a ser seruido, mas seruir, & a dar  
 sua vida em resgate por muytos. E daqui  
 veo chamar-se o Papa seruo dos seruos de  
 Deos, que a meu ver he o mays excellen-  
 te dos titulos do mundo, cujo inuẽtor foy  
 o glorioso Gregorio vigayro de Christo.  
 Aos xxij. capitulos de Esaias, falãdo Deos  
 do bom prelado diz: (Dabo clauẽ domus  
 Dauid super humerun eius.) Como se dis-  
 sera: Eu lhe darey poder na igreja, que he  
 a casa do verdadeiro Dauid, que he Chri-  
 sto. Mas he muyto de notar, que falando  
 aqui Deos da chaue, q̃ dá ao prelado, não  
 diz q̃ lha ha de por na cinta, mas no hõ-  
 bro. Que chaue he esta tão carregada, q̃  
 não pode andar dependurada no cinto p̃  
 hũa fita ou cordão, mas ha mister fortes  
 hombros

Matth. 20.

E sai. 22.



hombros pera a softerem? Que chaue he esta, q̄ faz agiolhar os homēs cō seu peso, senã a superioridade, & p̄lazia, & poder de fechar & desfechar? Tristes daq̄lles q̄ não querẽ esta chaue pera a trazer aos hombros, mas ao pescoço. Quero dizer, q̄ não querem prelazia pera servir & trabalhar, senão pera dominar & vaã gloriarse. Trazem na ao pescoço como couisa leue, & como joya pera que lha vejjão, & saybãõ q̄ sam prelados, & não ao hõbro como couisa pesada, & de muytos e carregos & obrigações, não curãõ dos trabalhos, & officios, mas das rēdas & dignidades, às quaes elles não trazem mays merecimētos que desejalas & pretendelas, & isto he o com quem menos as merecem: da humildade ilentos, & da presumpção captiños, tãõ vazios de razões & confirações de sua miseria, como cheos de ambições & vaydades, em que a fantasia reparte seus pensamētos. Verdade he que hahi muytos prelados humildes, & excellentes, amadores da vir-  
tude



## DA IVSTIÇA.

tude & religião Christãã, que trazem as  
 dignidades aos hombros, inclinados p hu  
 mildade, & diligêtes na administração, &  
 finalmête verdadeyros pastores, ca como  
 diz S. Bernardo, o officio do prelado he  
 ser sollicito, & tão altiuo. E dado que isto  
 principalmente conuenha aos prelados  
 ecclesiasticos, não cuydem os principes  
 seculares, & todos os q tem mando & do  
 minio, q sam escusos da obrigação da má  
 fidão & humildade, antes trabalhem po  
 las adquirir & conseruar como cousas, q  
 lhe sam summamête necessarias. E se per  
 uentura antes de terem as dignidades &  
 carregos pubricos, estauão irados contra  
 algũas pessas, tanto que se virem com do  
 minio, lhe hão de pdoar. Trafibulo o Gre  
 go tanto que matou os tyrannos de Athe  
 nas, & ficou com o principado, vendo que  
 auia hi muytos, q o tinhão offendido, fez  
 hũa ordenação, que ninguem fosse casti  
 gado né accusado de culpas passadas, por  
 não ter occasião de vingar as que contra  
elle

Bernardo.

Trafibulo



elle seus inimigos tinham comitidas, & chama-  
 mau-se esta ordenação a ley do esqueci-  
 mento. Isto sentia bem Elio Adriano, que Adriano  
 sendo confirmado em Emperador, acer-  
 tou de ver hũ homẽ, a quem dantes tinha  
 odio, & como o homẽ estivesse assombra-  
 do & medroso, disse-lhe o Emperador: Es-  
 capate. Como se lhe dissera: Agar de ce tu  
 ao imperio, que eu tenho, que se o eu não  
 tiuera, eu tomara de ti vingança. Hũ du-  
 que d'Orliães, que fora injuriado doutro  
 senhor, veo a ser Rey de França, & sendo  
 aconselhado que se vingasse, poys o podia  
 fazer, q̃ então era tempo, respondeo que  
 não conuinha a el Rey de França vingar  
 as injurias feytas ao duque d'Orliães, nẽ  
 lembrar-se dellas. Destes principes passa-  
 dos deuião tomar exemplo todos os pre-  
 sentes, como vemos que o fazem os que  
 são justos, & de altos animos. Mas os in-  
 justos & de bayxos espiritos parece q̃ não  
 acceptão os carregos de justiça, pera a fa-  
 zerem, mas pera se vingarem nam tem  
CONTA



## DA IVSTIÇA.

Compa  
raçam.

conta com clemencia, mas cõ vingança. As brasas na fragoa estando quietas, cubertas de pó & cinza & caruões, sendo viuas parecem mortas, mas tanto que lhe soprão, & leuantão os folles, começam a centillar, & lançar fayscas & chamas de fogo: assi o subdito apassionado, que tem fistuladas as entranhas cõ odio antigo, como não tem poder pera se vingar, mostra se quieto, & dissimula suas injurias mas se lhe soprays, & alevantaes os folles, com lhe dardes qualquer governança ou capitania, ou outro qualquer carregado de justiça, logo se accende em ira, querendo effectuar, os desejos de suas vinganças, logo centilla, & mostra as chamas de seu rancor, logo prorompe em palavras injuriosas, logo se descobre & manifesta por vingatiuo, & publica seus odios antigos, & suas damnadas entranhas, porq̃ tẽ por gosto tiralo aos outros, & por desgosto não o dar a dinguẽ. Assi como hũa tina por fendida que seja per muytas partes,

Compa  
raçam.



tes, se está vazia, não se conhece, mas tanto que he cheia d'agoa, logo descobre suas fendas, & se enxergão suas faltas, assi hũ subdito não mostra quẽ he, & por fendo q̃ seja, encobre suas quebras, mas tanto que o enchem de dominio, tanto que lhe metem nas mãos officio, logo publica seus defeitos & suas fendas: p̃ hũas apparece a soberba, p̃ outras a cobiça p̃ outras a fantesia, p̃ outras a crueldade, p̃ outras os ecubertos & velhos desejos d'vingança. Isto he o q̃ diz Pittaco hũ dos sabios de Grecia, que o officio descobre o varão. Mas os que quizerem bem gouernar a outros, primeyro deũ de vedar & calafetar a si, pera acertarem: & quãdo virem que errãõ, não se hãõ de correr de emendar seus excessos, nem se hãõ de ter disso por afrontados. Acabãdo Philippe Rey de Macedonia de julgar injustamente hũã causa contra Macheta vassallo seu, com ira & pouca consiração, disse Macheta que appellaua. E fazendo el Rey zombaria de

Sua

Pittaco.

Philippe.



DA IVSTIÇA.

sua appellação, disselhe: Não sabes tu que não tenho eu superior? Poys pera quem appellas? Respondeo elle: Senhor appello de ti perati, depoys q̄ estiueres desagastado, & vires a causa com milhores olhos. Tornou Philippe sobre si, & vêdo q̄ errara, reuogou a sentença. Isto fazê os principes alheos de soberba, ca os inchados della inda q̄ veção seus erros, hão se por abbatidos em os emedar. E como se gouernão per seu prorio parecer querê mostrar suas inuencões, & ir cõ ellas auante, & fazer mil nouidades, com que destrue a republica. Muito ha o principe de fugir de nouidades. Diz Aristoteles que o q̄ bem quiser, gouernar, tres cousas ha de ter, iustica, poder, & odio a inuencões nouas. Platão louua muytos os Sicionios em não consentirẽ mudanças em sua cidade. Os Rhodios forã muito louuados dos Chronistas, em q̄ com grande difficuldade fazião & acceptauão leys nouas, mas depois que crão feytas & acceptadas, inuiolaclmente

Aristot.

Platão.



mente as goardauão. Os Lacedemonios não admittião custumes peregrinos, & segundo as leys de Licurgo não podião ir a terras estranhas, por não verê nem aprêderem nouidades, em tanto que porque Tipandaro nũ instrumêto musico acrescentou hũa corda além das custumadas, a elle poserão em desterro, & ao instrumêto fizerão em pedaços. Florêça, & Sena, & Pisa, erão tres excellêtes senhorias em Italia cada hũa sobresi, & por serê dadas a mudanças & nouidades perderão seus estados & liberdades, & vierão em nossos tempos a ter por senhor a Cosmô Medices, que de pobre soldadoveo a ser duque de todas ellas. E pelo cõtrayro a senhoria de Veneza por não consentir nouidades se conseruou até agora em sua antiga dignidade, & he hoje em dia hũa das may's illustres & famosas republicas do mundo: E tem isto os Venezianos, que naturalmente sam inimigos de cousas nouas: o que não acontece aos Portugueses de



## DA IVSTIÇA.

nosso tempo, que per cima de muytas cousas que tem boas, tem esta mà, que he serem muyto de nouidades, em especial nos trajos, que cada dia mudão: em tanto que se agora resurgisse hũ Portugues dos antigos, vestido ao modo daquelle tempo, nem noso conhecerimos a elle, nem elle a nós. Mas ja se soffrerião nouidades estranhas nos trajos, com tanto q̃ os principes as não admitissem nos costumes & regimentos. Colhemos daqui que os gouernadores per cima de humildes & humanos bão de ser inimigos de mudanças damnosas, se quiserem sustentar seus estados, ca as respublicas insinhes permanecem na honra ganhada com fazer o com que a ganharão, & não com inuensões nouas, com que muytas se perderão.

## CAPITVLO VII.

¶ Da liberalidade, & dos lououres do direyto ciuil, & da mat. e. matica.

Húa





Vã qualidade, disse o cidadão  
 ficou por tocar, que eu te-  
 nho pera mĩ que iustra mui-  
 to no principe, & que he das  
 mais substanciaes, que elle pode ter. Que  
 qualidade, pergũtou o theologo, he esta?  
 He, respondeo o cidadão, a liberalidade  
 & magnificẽcia. Esta, tornou o theologo,  
 se comprende na virtude cõ outras muy-  
 tas particulares, que eu deyxey de tocar.  
 Quãdo eu digo que o principe ha de ter  
 letras, entendoo não somẽte das huma-  
 nas mas das diuinas: & quando digo q̃ ha  
 de ter virtudes entendoo de todas, hũa  
 das quaes he a liberalidade. Diz Socrates,  
 como refere Xenophonte, que conuem  
 ao principe ser mays amigo de dar que  
 de ter. E Agefilao diz, como refere na sua  
 vida Plutarcho, que aquelle he valeroso  
 capitão, que enriquece mays seu exerci-  
 to que a si. O principe cubiçoso & auarẽ-  
 to alẽm de ser mal quisto dos homẽs, estã  
 mal com Deos, & quanto quer ser mays

Socrates.

Xenophõ

Agefilao.

Plutarcho



## DA IVSTIÇA.

rico, tanto he mais pobre. Que tem quem se a si nam tem? Quê he seruo da cubiça, de quê pode ser senhor? Como pode viver cõ a casa chea de bês, quê tem a alma chea de males? Como quadra ter hũ principe seus paços armados de rica tapeçaria & alma defarmada da virtude, as paredes de pedra vestidas, & os pobres de Cristo nũs? Crede que nam a mores riquezas q̃ nam as desejar. Hum homê sem cubiça anda descansado & se he cobiçoso, nam tẽ descanso, porque sempre traz os sentidos occupados em seus interesses cõ hũa forja viua de trabalhosos cuydados, q̃ de dia & de noyte lhe arde no pensamento. Assim como quando o estamago nã coze, nẽ reparte o manjar pelos mēbros, dizemos q̃ está muyto enfermo, assi quando o principe he escaço & auarêto, nã hai que debater se nã q̃ tẽ grãde enfermidade. O estamago recolhe e si as igoarias, & depoy de as digerir cõ o calor natural, reparte as pelo corpo, mas faltãdo o calor, nã se faz a digestã,

Compa.  
racim.

8



& incha o estamago, & os mēbros em ma-  
 relecē & enfraquecem. O rico he o esta-  
 mago, õde se recolheram as riquezas, pe-  
 ra q̄ esmoydas como amor & calor da di-  
 uina charidade se repartissē pelos pobres  
 mas faltado o amor apagado o fogo da cha-  
 ridade enchese o rico & os pobres perecē  
 & quāto mays cheo está o estamago, quā-  
 to mais embaçado está o homem, tanto  
 mais mingoados estão os mēbros, q̄ fam  
 os pobres. O que se dá aos pobres nã se dá,  
 mos poēse em deposito na arca de Deos,  
 pera que allí este goardado, ca como, diz  
 Chryfologo: a mão do pobre he o cofre  
 de Christo: & o mesmo Christo diz que  
 façamos thesouro no ceo, onde estará mi-  
 lhor goardado. E não somente receberē-  
 mos o que dermos, mas cento por hū, & a  
 vida eterna. Que cousa he logo fazer es-  
 molas, senam leualas da qui em letra,  
 pera lá no ceo as recebermos ao galarim?  
 Isto he o que diz Salamão nos Prouer-  
 bios: Aq̄lle dá o seu áõzena ao Senhor, q̄

Chryfologo  
Mat. 6.

Mat. 19

Prouer 19

S iij faz



## DA IVSTIÇA.

faz esmola, & vfa de misericordia com o pobre. Se isto confirassem os ricos, despenderião bem o seu, & não estarião feytos estamagos encruados & opilados, mas repartirião o mantimento pelos membros.

Sexto.

Diz Sexto Aurelio que soya Traiano chamar ao seu thesouro baço da republica, porque assicomo crescendo o baço, o corpo se corrompia & consumia, assi quanto mays cresce o thesouro do principe, tanto mays se consume a republica: porque o thesouro do principe ha se de despende com os vassallos, & acodir ás necessidades dos pobres. Ca pera só isto se podé de sejar riquezas, pera com ellas socorrer ás deuidas necessidades. Que aproueyta a hũa figueyra estar carregada de excellentes figos, se ella está nũa rocha antre tam fragosos arrecifes, que ninguem lhe pode chegar? Assi que aproueyta a hũ principe estar cheo de riquezas, se se ninguẽ dellas aproueyta? Alexandre Magno foy tão liberal, que parece que não conquistava

Comparaçam.

Alexandre



as terras, senão pera as dar. E perguntando-lhe hũa vez hũ seu amigo, q̃ lhe ficaua, poys daua tudo? Respõdeu q̃ lhe ficaua o gosto, q̃ tinha de dar. Ainda que Plutarcho diz que respondeo, que lhe ficaua a esperança. E na vida de Phocião Athenies diz que mandou de Asia grande somma de dinheyro a este Phocião, que era muyto pobre, & que elle o não quis acceptar, dizendo que se cõtentaua com sua pobreza, poys lhe abaftaua o que tinha. E foy ventilada esta questão nas academias dos philosophos de Grecia, qual fora mais rico, se Alexandre em mandar o dinheyro, se Phocião em o não querer. Quanta gloria alcançou Alexandre com o nome de liberal, em tãta infamia encorreo seu ãmigo Dario com fama de cubiçoso. Cõta Herodoto no primeyro liuro de suas historias, que pos Nitochris Raynha do Egypto hum letreyro no seu sepulchro, que dizia q̃ se nalgũ tempo el Rey de Babylonia tiueſſe necessidade de dinheyro,

Plutarcho

Phocião.

Dario.

Herodoto

Nitochris



DA IVSTIÇA.

abrisse aq̃lla sepultura, & tomasse dahio  
 que quisesse, mas q̃ a não abrisse senão cõ  
 necessidade. E socedendo depois muytos  
 reys nenhũ abrio esta sepultura senã Da-  
 rio: mas não achou dentro nenhũ dinhei-  
 ro, senão hũas letras que dizião: Senão fo-  
 ras auarento, & cubiçoso de torpe ganho,  
 nã abritas tu as sepulturas dos detuntos.  
 Odiosa cousa he a cubiça. Hũ auarento  
 cuyda que tem dinheyro, & o dinheyro  
 tẽno a elle. Quão ricos serião os homẽs  
 se se quisessem cõtentar cõ pouco! Sene-  
 ca diz: Se viueres segundo a opinião, nũ-  
 ca serás rico, & se segundo a natureza, nũ-  
 ca serás pobre. A opinião nunca se farta,  
 & a natureza cõ pouco se contenta. Ar-  
 chitas Tarentino cõparaua o animo d'hũ  
 cubiçoso a vaso sem fundo, que nunca se  
 acaba d'encher: & pelo contrayro o ani-  
 mo nũ de cubiça logo se cõtenta, & com  
 pouco se satisfaz. Entrando hũa vez So-  
 crates p̃ hũa praça, onde auia grãde fey-  
 ra, vendo muytas riquezas & grande va-  
 rieda

Seneca.

Architas.

Socrates.

rieda



riedade de cousas, disse como espantado:  
 De quantas cousas não tenho necessi-  
 dade! Chrysofostomo diz: Despreza a ri- Chrysof.  
 queza, & serás rico, despreza a gloria, &  
 serás glorioso. São Paulo na primeira Epi- 1. Timo. 6.  
 stola a Timotheo chama á cubiça rayz de  
 todos os males. Assim como a terra que dá Compz  
 ouro, he estérile pera todo o mayz, assi o raçam.  
 homẽ cheo de ouro não aproueita pa na-  
 da. Falo dos auarétos, aos quaes resplãde-  
 ce mais ouro q̃ os rayos do sol, os quaes  
 esporcados cõ a cubiça & espãça de inte-  
 resse corrẽ pa õde os guia o appetite, & fo-  
 gẽ dõde os guia a razã. E aida q̃ a auareza  
 seja p̃niciosa é q̃lquer pessõa, muytos mais  
 he nos principes & p̃lados, q̃ hã de compa-  
 ro dos necessitado semelhantes a bedês,  
 que por cobrirẽ os outros estãõ á chuua:  
 & hã de gouernar & julgar liuremente  
 segundo justiça. O que elles sendo cubi-  
 çosos & auarentos não podem fazer, por  
 que os dões & presentes, que recebẽ, os  
 enleão & deprauã. Isto sentia Ictro, quãdo Exod. 18.  
 aconsel



## DA IVSTIÇA

aconfelhaua a Moyses, que escolheffe pera governadores homẽs temẽtes a Deos, & verdadeyros, & ãmigos de auareza. No Exodo & Deuteronomio diz Deos, que os que tem carregos de justiça, não tomem presentes & dadiuas, porque cegão nam fomite os ignorantes, mas os prudentes.

O julgador cubiçoso he como balança, q̃ pera onde lhe põe mór peso, pera alli se inclina, & mete os malfeytores na cadeia pela porta do ferro, & tiraos pela porta do ouro. E assi he auorrecido, & injusto, & incõstãte: & pelo cõtrayro se he liberal & magnifico, he amado & justo, & amigo da firmeza. Mas he necessario q̃ a liberalidade tenha & goardo suas devidas circunstancias, pera que não sejam os principes relogios destemperados, que dãm fora do tempo, dando dez, quando hão de dar hũa, & hũa quando dez. Mas basta q̃ hão de ser liberaes & d'alto animo, não querendo satisfazer só com palauras a falta de suas obras, semelhantes áquelles em

CUOS

Comparaçam.

Comparaçam.



cujos reinos correm palauras por moeda. Isto baste quãto á liberalidade, que dissestes ser necessaria ao principe, como lhe sã muytas outras virtudes & sciencias. Ao menos, disse o jurista, he lhe necessaria a sciencia do direyto, poisha defazer goardar as leys, & he impossivel fazelas goardar, sem as sabet. Quanto mays que hahi às vezes tempo, em que he necessario fazer leys, & não se podem fazer as novas, sem se saberem as antigas. E está claro q̄ ninguẽ pode fazer leys, que toquem ao commũ estado do reyno, senão el Rey. l. finali. §. penultimo, & finali. C. de legibus. E as virtudes das leys sam como diz Modestino nosso jureconsulto imperar, ve- Modestino dar, castigar, & permitir. E Vlpiano diz q̄ Vlpiano. os p̄ceptos do direito sam viuer honestamente, não empecer a ninguẽ, dar o seu a cujo he, nos quaes se inclue toda a moral philosophia. E as leys sam as que ensinão estes preceptos. Per onde se mostra que são ellas regras de philosophia, & doutrina



## DA IVSTIÇA.

trinas de bẽ viuer dadas pera o bem cõ-  
 mũ. Porq̃ ley não he senão hũa ordenan-  
 ça da razão, & hũ precepto dado de quẽ  
 rem carrego disso pera o commũ prouey-  
 to, & conseruação da humana sociedade.  
 Com as leys se quietão os tumultos, & se  
 conserua a doce paz, & finalmente se go-  
 uerna todo o mundo. Em tanto que até  
 os collayros, & os que na terra viuem de  
 roubos, senão poderião conseruar em sua  
 companhia, senão fõsem as leys que tem,  
 & a justiça distributiua, q̃ antre si guardã.  
 A cidade, onde não ouerbõas leys, será  
 muy cedo destruyda, & o reyno que per  
 bõas leys senão gouernar, será facilmente  
 desolado. Tanto durou a republica dos  
 Lacedemonios, quãto nella durou a au-  
 thoridade das leys de Licurgo: & tanto a  
 dos Athenienses, quãto as leys de Solão.  
 Mas perdidas as leys, perderão se també  
 as republicas, porque a gouernança, que  
 foy andar nos sabedores, foy vsurpada  
 dos ignorantes. E pera isto dou por teste-  
 munhas



munhas não as palauras presentes, mas  
 as historias antigvas. Diz Platão que en- <sup>Platão.</sup>  
 tão serão bemaenturadas as cidades,  
 quando os philosophos regerem, ou quã-  
 do os Reys philosopharẽ. Per esta autho-  
 ridade, disse o mathematico se proua, que  
 he necessaria aos principes, & a todos os  
 gouernadores a philosophia, em especial  
 a mathematica, pera saberem o sitio do  
 mundo, & o mouimento dos ceos, & as  
 nauegações, & climas, & constellações, &  
 pera saberem situar hũa cidade, & orde-  
 nar hũ exercito, & guiar hũa armada, &  
 outras coufas desta qualidade, q̃ pertencẽ  
 a hũ perfeito principe. Isto moueo a Pro- <sup>Ptolemeu.</sup>  
 lemeu Rey do Egypto dar se tanto á ma-  
 thematica, que venceo nella os philoso-  
 phos de seu tempo, & escureceo a memo-  
 ria dos antiquos. Deos fez o mundo, &  
 Ptolemeu o escreueo & matizou. A este <sup>dõ Afonso</sup>  
 famoso Rey imitou el Rey Dom Afonso  
 de Castella na cõposiçãõ das suas taboas <sup>Cesar.</sup>  
 mathematicas. Julio Cesar a quelle illustre  
 Empera



## DA IVSTIÇA.

Emperador, & espantoso capitão deu se tanto a o conhecimento do curso do sol, lûa, & estrellas, & philosophou tão altamente nas cousas de mathematica, q̃ teue tanta guerra cõsigo mesmo sobre a sciência, quantatiuera com os inimigos sobre o imperio, & estimaua tanto, as letras que aprêdera, como as terras, q̃ conquistára. E não conquistára elle tantas, se as não vira debuxadas na Mappa mundi, a qual inuentou Anaximandrio, como o conta Erastothenes, & refere o Strabo no seu primeyro da geographia. Quando os poetas fingirão q̃ el Rey Prometheo estaua no cume do monte Caucaço atormentado d'hũa aguea, que lhe estaua roendõ o coração, ou como outros dizem, o figado, sem nunca acabar de lho comer, que outra cousa quizerão significar, senão que o bom principe ha de ter conhecimento do curso das estrellas? Que aguea he aq̃lla, q̃ lheroia o coração, senão a alta & triste meditação dos mouimentos celestes,

Erastothene,  
Strabo.

&



& a cõtemplação espherica & mathematica? E potq̃ na subtileza desta sciencia d'hu cuydado nasce outro, & hũ pensamento gera outro pensamento, fingirão que esta aguea sempre roya o coraçã sem nunca acabar de o cõsumir, porq̃ a parte roida tornaua a nascer. E porque esta meditação mathematica he sobre as cousas altas & celestiaes, disserão que estaua este Rey nã nũa verde varzia, ou sombrio valle, se não no alto cume do mõte Caucaço, que parece que confina com o ceo: nem fingirão que lhe roia o coraçã animal terreste, mas hũa aue, & não qualquer, mas a princesa de todãs ellas, a que voa mays alto, a que era dedicada ao grãde Iupiter a quem elles chamauão Rey das estrellas & collocauã antre as vaidades de seus deoses, como mais excellente & supremo de todos elles. No que quizerão significar a excellẽcia & superioridade da mathematica sobre as outras sciẽcias, & quam apurados & refinados sentidos se requerẽ pa  
T seus



## DA IVSTIÇA.

seus altos juyzos & delicadas confirações. E porque nam disseste alguém que esta sciencia não pertencia a Reys, disseram que este Prometheo era não qualquer homê, mas grande Rey. Não por outra causa diz aquelle grande Homero fonte de grega poësia, que o escudo do famoso Achilles, tinha esculpidas muytas constellações celestes, senão pera dar a entender, que os insinhes & abalifados capitães, & excellentes principes se ham de prezar do conhecimento das sciencias mathematicas, & aham de estimar & fauorecer, pera que con seu fauor se aumentem & multipliquem. Porque affi como a temperança do ar faz a terra fertil, assi o fauor do principe excita & alleuanta os engenhos dos vassallos a grandes cousas.

Homero.

Achiles.

Comparaçam.

### CAPITULO VIII.

¶ Da philosophia actiua & contemplatiua, & qual dellas conuem mays ao perseyto principe.

NAN





**N**A M se pode negar, disse o jurista, ser a mathematica vtil ao principe, como o são todas as mays sciências & artes liberaes, as quaes lhe dão grãde lustro & resplendor. Mas aque lhe mais conuê, & he propria sua, & summamente necessaria, he a sciencia do direyto. Porq̃, como diz no prologo das suas Instituições o Emperador Iustiniano, á imperatoria *Iustinia* majestade conuem não sômente ser afermosentada com armas, mas armada com leys, pera que hũ tempo & outro assi o da guerra como o da paz possa ser direytamente governado. E quanto he ao que dizeys da authoridade de Platão, que os philosophos hão de reynar, ou os Reys philosophar, está claro que faz mays por mim que por vos, porque se entende não da philosophia contēplatiua, mas da actiua, não da mathematica, mas da moral; na qual se cõprehende a sciencia das leys como ja tenho prouado, as quaes sãtã



DA IVSTIÇA.

excellentes, que não somente conseruão  
o proprio reyno, mas ainda gouernão &  
sustentam outros reynos & senhorios re-  
motissimos, como se vé claramēte nas le-  
ys feytas neste reyno, que não somente o  
conseruão, mas ellas mesmas regē & sostē  
as ricas Indias do Oriente, per grande di-  
stancia do imenso mar alongadas de nos,  
que os inuictissimos & Christianissimos  
Reys de Portugal dō Manoel & dō Ioão  
de gloriosa memoria p̄ seus capitães des-  
cobrirão & cōquistarão, & com o diuino  
fauor someterão á fe de Iesu Christo nos-  
so verdadeiro Deos, ajuntando as agoas  
orientaes do Ganges da odorifera Asia  
com as occidentaes do Tejo da guerreira  
Lusitania: cousa tam noua & inaudita, q̄  
meteo em admiracã o mundo vniuerso.  
Bem que pera os nossos ganharẽ os gran-  
des reynos da India, & destruyrem nella  
a gentildade & secta Mafometica, lhe a  
proueytou muyto o inuinciuel animo,  
com que pelejarã, & o singular & pasmo



so esforço, com q̄ nas batalhas nauaes te-  
 giam o mar & o tornauão sanguinho, &  
 nas da terra a semeauão de corpos mor-  
 tos, regando os campos com o sangue da  
 barbara gente ãmiga de Christo. Mas pa-  
 se isto sustentat forão as leys summamẽ-  
 te necessarias, & ainda pera se comerer,  
 porque ja de cáhião as leys & regimẽtos,  
 que os capitães auião de ter é conquistar  
 & os caualeyros em lhe obedecer, com as  
 quaes leys mouidos & governados come-  
 terão coufas terribeis, não estimãdo a vi-  
 da pola gloria, tendo por maishõrosa aq̄l-  
 la victoria, onde suas pessoas cõ mór ris-  
 co se auenturauã. Dizeime senão fossem  
 as leys perq̄ os nossos se regem no mar &  
 na terra, como poderião elles sustentat a  
 India, nem ainda achala & conquistala?  
 Mas senã fosse a mathematica, disse o ma-  
 thematico, como poderião elles la leuar  
 essas leys? Vos não vedes que he isso cõtra  
 vos? Dizeime esse mar tam profundo &  
 tẽpestuoso, como se podera nauegar sem



## DA IVSVIÇA

mathematica? Como se poderão attrauef-  
 far as duuidofas ondas das imensas agoas,  
 & fazerle estrada real & directissima per  
 ellas sem conhecimento do norte, & das  
 estrellas & dos circulos celestes? A agulha  
 & carta de marear q̄ coufa he senão mera  
 mathematica? Essas regiões tão separadas  
 & tão estranhas como fora possiuel de-  
 cubriremse & conquistaremse, se os nos-  
 sos não forão instructos no conhecimen-  
 to dos mouimentos do ceo, nos graos da  
 altura, nos circulos & cursos das plane-  
 tas, na diuisam dos climas, na mappa, no  
 astrolabio, no quadrate, na ppriedade &  
 variedade dos vêtos, nos eclipfes, na arte  
 da navegaçã, na cosmographia & sitio do  
 mûdo, na quantidade da terra, na nature  
 za dos elemêtos, & finalmente no conhe-  
 cimêto da esphera, oq̄ tudo cõsiste na ma-  
 thematica? Per onde cõsta q̄ o q̄ trazey  
 cõtra mĩ he cõtra vos, & o q̄ cuydays q̄ he  
 contra a mathematica, he por ella, & o q̄  
 allegays pera seu descredito, allego eu pa  
 sua



sua valia. Day hũa volta a essas vossas ra-  
 zões, & achalas eys cõformes a meu pro-  
 posito. Conta Plutarcho que hũ pintor  
 chamado Paufam se concertára com hũ  
 homẽ de lhe pintar hũ caualo, que estiu ef-  
 se lançado com as pernas pera cima, ca-  
 fazia assi a seu proposito, & tenção, & o  
 pintor parece que esquecido disto pintou  
 o correndo: indinado o q̃ o mandara pin-  
 tar, disse o pintor sorrindose: viray a ta-  
 boa, & achalo eys á vossa vontade. E assi  
 soy, que tanto que deu hũa volta á taboa  
 em q̃ o caualo estaua pintado, ficou elle  
 com as pernas pa cima, & assi lhe pareceo  
 bẽ, o q̃ dátes lhe parecia mal, só com lhe  
 dar hũa volta. Day hũa volta a essas razõ-  
 es, olhayas cõ bõs olhos, & aquillo q̃ vos  
 parecia cõtra mĩ, vos parecerá pormĩ: co-  
 mo acõtece a muytos, q̃ allegã coufas cõ-  
 tra seus aduersarios, pa cõ ellas os defa-  
 creditarem, as quaes viradas & vistas com  
 bõs olhos elles podiã cõ razã allegar pa  
 se acreditarẽ, porque o que se traz pera

Plutarco.  
 Paufam.



## DA IVSTIÇA.

sua desualia, podião elles trazer pera sua  
 honra: & o q̄ se diz pera sua infamia, po-  
 dião elles dizer pera sua gloria. Nunca dis-  
 se o jurista, disse cousa a que não fosseis á  
 mão. Parece que á cinte reprehendeys mi-  
 nhas razões, não sey com quanta, ou por  
 melhor dizer, sey que sem nenhũa. E cõ a  
 não terdes vèdeys vossa parte por tam ju-  
 stificada, q̄ está a vitoria tam perto de vos  
 como vos lōge de a merecerdes. Eu, disse  
 o cidadão cõtra o jurista, vista vossa razão,  
 pera mĩ tenho q̄ a não tendes em vos del-  
 le agruardes, poys se ninguẽ, nessa parte  
 delle agrava: antes em suas praticas traz  
 por si tam boa razão, que os q̄ a tem dizẽ  
 que a tẽ elle. E poys se os outros delle cõ-  
 tentão, contentayvos vos tambẽ. Antes  
 disse o jurista, isso he o de q̄ me eu quci-  
 xo, que contentando elle aos outros não  
 quer contentar a mĩ: & he de tal vontade,  
 que fazendolhe a elles a sua, nunca fez a  
 minha. E quer me sustentar que he mays  
 necessario na republica pera sua bõa go-  
 uer



nernança, o conhecimento da mathemati-  
 ca que o do direito, sendo a mathemati-  
 ca philosophia contēplatiua, & a sciēcia  
 do direito philosophia actiua: & dizendo  
 todos os authores q̄ a armonia da bõa go-  
 uernança consiste em galardoar bõs & ca-  
 stigar maos, que sam obras actiuas, & não  
 contemplatiuas, as quacs clarissima & p-  
 prissimamēte conuē ao Principe & gouer-  
 nador. Porque gouernar nã he especular  
 os segredos da natureza, & mouimentos  
 do ceo, mas he fazer justiça, & tratar d̄ cu-  
 stumes, & prouer a terra, & dar o seu aca-  
 da hũ, o que sem duuida nenhũa conuē á  
 philosophia actiua & moral, & não á spe-  
 culatiua & mathematica. Eu, disse o cida-  
 dão, tenho pera mi, q̄ pera acidade ser bẽ  
 regida não he necessaria philosophia al-  
 gua, nẽ philosophos, senão homẽs de bõ  
 juyzo & bõa cõsciencia. E isto me parece  
 amĩ que eu mostrarey per razões. De que  
 serue na repubrica o officio de philoso-  
 pho, mathematico, nẽ moral? Sabeis dis-



## DA IVSTIÇA

feo theologo,quão necessaria he a philo-  
 sophia,que isso q̄ vos fazeyz em falar cõ-  
 tra os philosophos, he tomar officio de  
 philosopho. Até isso, q̄ dizeis cõtra a philo-  
 sophia he philosophia. Quereis ver isto?  
 O officio dos philosophos he tratar, &  
 disputar, & mostrar como se ha de gover-  
 nar a republica, & quaes sam os generos  
 de homẽs, q̄ nella ha dauer, & quaes nãõ  
 & querẽdo vos mostrar per razões q̄ na  
 republica nãõ ha dauer philosophos, to-  
 mayz officio de philosopho, & disputan-  
 do cõtra a philosophia vsays della: como  
 Socrates q̄ nũca vlou de tãõ alta eloquẽ-  
 cia, como quãdo reprehende a eloquenti-  
 cia, o que se entende nãõ da verdadeyra  
 mas da falsa, a qual elle reprẽde no dialo-  
 go de Platão intitulado Gorgias, onde  
 lhe chama especia de adulaçã, & ao que  
 della vsa chama no Phedro serpẽte pesti-  
 fera, & no Menexeno feyticeyro & em-  
 baydor, pior q̄ Circe, porq̄ esta mudaua o  
 exterior, & elle o interior roubãdo o joy-

Socrates.

Platão.



zo & ofuscãdo o entẽdimẽto. E na Apologia vitupera a eloquẽcia de seus aduersarios. E ẽ nenhũa parte se esmerou mais na eloquencia q̃ nestas q̃ a reprẽde. De maneyra q̃ pa disputar cõtra a eloquẽcia vsa della, & então se mostra principe dos oradores, quãdo cõtra elles argumeta, & quãdo quer abater a rhetorica entã a exalta, & pa a desbaratar a cõfirma. Tal era o q̃ disputãdo cõtra os sonhos dizia, q̃ se não auia de crer nelles, porq̃ elle sonhara que não creffe ninguẽ no q̃ sonhasse. Assim que tratãdo cõtra os sonhos, pa lhe tirar o credito lho daua. A verdade he, a meu iuyzo, q̃ he a philosophia necessaria ao principe, em especial a moral. E esta he a sentença de Platão & de todos os philosophos. E ainda que tambem a mathematica, & a natural, lhe conuenhã, isso he como coula acessõria, & não principal. De maneyra que muyto mays lhe arma & conuem a philosophia que consiste em acçã, que a que consiste em



DA IVSTIÇA.

em speculação, mays a actiua que a contemplatiua, mais o conhecimento do direito que o da mathematica. Porq̃ claro está que a cidade se pode bẽ gouernar sem conhecimento dos circulos do ceo, mas não sem conhecimento das leys & posturas da terra. A mathematica consiste em specular, & a moral em tirar vicios, plantar virtudes, reformar costumes, & melhorar vidas, que sam as pprias qualidades do principe. E isto fará elle melhor tendo conhecimento da sagrada theologia, q̃ he a verdadeira, & a mays alta & soberana de todas as sciencias, porq̃ ella he diuina, & as outras sam humanas. Muyto, disse o mathematico, auia nisso que replicar, se eu quisesse mostrar quam mais necessarios sam na republica mathematicos q̃ procuradores. Mas porque pera me espratar nos lououres da mathematica auia mister hum dia de seis meses, como sam os da quella parte, que esta ao norte, ou ao sul, por isso faço fim no que nã teria fim. Pro-  
uardes



uardes vos, disse o jurista, que ha hi lugar, onde o dia he de seys meses, tenho eu por tã impossuel, como prouardes ser mais necessaria a sciencia mathematica que a juridica. Nam aperfeis nisso, disse o mathematico, porque he sem falta, o q̄ vos digo. Isto, disse o jurista, nam he aperfiar, mas defender a verdade. Muyto folgaria, disse o cidadão, saber como isso he, porq̄ parece impossuel auer terra, onde o dia seja de seis meses. Nã vos pareça isso impossuel, disse o theologo, porq̄ he certo & necessario. Se isso, tornou o cidadão, se poder prouar per mathematica, eu a te-rey por hũa marauilhosa sciencia. Aqui olhou o theologo pa o mathematico dizendolhe. Por honrrada mathematica auays de fazer essa demonstração. Eu a farey, disse o mathematico, se estiuertes atetos, porq̄ a prompta atençaõ de quem ouue affina o juizo de quẽ fala. Pera prouar isto he necessario ter dous principios, o primeyro he q̄ onde quer q̄ estemos, se  
for



## DA IVSTIÇA:

for em mōte ou campo raso, ou em qual-  
quer lugar desabafado, vemos a metade  
do ceo. Isto, disse o jurista, nego eu. Pro-  
uoo, disse o mathematico. O sol em vin-  
te & quatro horas dá húa volta ao mūdo  
& a todo o espaço do ceo, & como elle  
anda sempre dhū compasso, segue-se q̄ tã-  
to espaço anda em doze horas como nas  
outras doze, & q̄ em cada doze horas anda  
a metade do ceo. Isto he verdade, ou não?  
Verdade, disse o jurista. Pergūto, disse o  
mathematico. No mes d̄ Março, q̄n os di-  
as sam igoaes cō as noytes, não he o dia d̄  
doze horas? Si he, respōdeo o jurista, por  
q̄ nasce o sol ás seys da manhã & põe-se às  
seis da tarde. Vedes vos disse o mathema-  
tico. donde nasce o sol até onde se põe? Vejo  
respōdeo o jurista. Vedes logo, respōdeo  
o mathematico a metade do ceo. Porque  
poys o sol em doze horas anda a metade  
do ceo, & vos vedes toda aquella parte  
do ceo, que elle anda em doze horas, lo-  
go vedes a metade do ceo. Concedouos,  
disse



disse o jurista, esse principio, venhamos ao  
outro. O outro, disse o mathematico, he  
que o sol anda seys meses da linha equi-  
nocial pa cima, gastado tres meses em su-  
bir, & tres em decer, & outros seys meses  
anda da linha equinocial pa bayxo. Tu-  
do isso, disse o jurista, vos cõcedo. Porq̃ a  
linha equinocial vay per meo do ceo do  
orientte ao occidentte, & desque o sol no  
mes de Março entra na linha, sobe pa nos  
atẽ q̃ os dias deyxão de crescer, & entãõ  
torna a decer pera a linha, atẽ q̃ em Se-  
tembre entra nella, & dahi deee pa o sul,  
atẽ q̃ os dias deyxão de mingoar, & co-  
mo comecção a crescer, torna a subir pera  
a linha, atẽ q̃ em Março entra nella. E nã  
vos pareça q̃ estou tã estranho na mathe-  
matica, q̃ nã saiba algũa cousa della. Estã  
muyto bẽ, disse o mathematico. Faço lo-  
go desta maneira a demonstração. Os que  
estãõ bẽ ao norte vẽ a metade do ceo, q̃  
he atẽ a linha equinocial, q̃ he o seu ori-  
zõte. A qual linha diuide o ceo em duas  
partes